Contra os acadêmicos

Santo Agostinho

Santo Agostinho

CONTRA OS ACADÊMICOS

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

Contra os Acadêmicos

Santo Agostinho

Introdução[1]

1

Quando então eu abandonei tudo o que eu tinha adquirido ou tudo o que eu desejava adquirir dos bens que se deseja neste mundo e me dediquei inteiramente à contemplação da vida cristã, mesmo não sendo ainda batizado, eu escrevi primeiramente contra ou sobre os Acadêmicos.

Seus argumentos inspiram a muitos o desespero da verdade. Eles desestimulam o sábio a aderir a alguma realidade, pois, segundo eles, tudo é incerto e obscuro.

Eu fiquei impressionado com esses argumentos e quis destruí-los, opondo-lhes razões o mais fortes quanto possíveis. Com a misericórdia e a ajuda de Deus, eu consegui isso.

---

[1] Das *Revisões*. Livro I, cap. 1.

2

Mas, nesses três livros, eu lamento ter mencionado a Fortuna[2]. Não, sem dúvida, que eu quisesse, com este nome, me referir a qualquer divindade, mas somente ao curso casual dos acontecimentos que se manifestam nos bens e nos males, seja internamente, seja externamente a nós.

Daí, de fato, vem estas expressões: "por acaso, talvez, acidentalmente, porventura, fortuitamente". São expressões que nenhuma religião proíbe utilizar, mas que todos devem reportar à Providência divina.

Eu não deixei de mencionar isto, pois disse: *Talvez, afinal, o que se chama comumente de fortuna esteja submetido a um governo secreto. Talvez chamemos de acaso aos acontecimentos cuja causa e razão não descobrimos e nada de particular aconteça, de bom ou de ruim, que não tenha sua relação e sua concordância com o conjunto*[3].

Eu disse isto e, no entanto, me arrependo de ter empregado a palavra *fortuna*, quando vejo que as pessoas têm o desagradável hábito de dizer, invés de "Deus o quis", "A fortuna o quis".

Nesta outra passagem: *Seja como castigo por nossas faltas, seja por necessidade de nossa natureza, o espírito mais sublime, se conserva*

---

[2] Livro I, cap. 1 e 7.
[3] Livro I, cap. 1.

alguma ligação com os bens frágeis, não pode atracar no porto da verdadeira sabedoria, eu não deveria ter apresentado as duas condições, pois, sem elas, o sentido ficaria completo. Ou então, eu deveria ter me limitado a dizer *como castigo por nossas faltas*, diante da miséria que Adão nos legou e não precisaria ter acrescentado *por necessidade de nossa natureza*, já que essa dura necessidade de nossa natureza vem justamente da iniquidade anterior e original.

Da mesma forma também, na frase: *Tudo o que é visível a um olho mortal, tudo o que impressiona nossos sentidos não é digno de nenhum culto e merece nosso desprezo*[4], eu deveria ter acrescentado: *tudo o que atinge os sentidos deste corpo mortal*, pois há também um sentido interior e espiritual.

Mas, eu falava então à maneira daqueles que só aplicam a palavra *sentido* ao corpo e só entendem como sensíveis as coisas corpóreas. Assim, toda vez que me expressei desta forma, o equívoco não foi tão evidente, exceto para aqueles que estão habituados com esta locução.

Em outro lugar, eu disse: *Você acha que viver de forma feliz seja algo diferente do que viver conforme ao que há de mais perfeito no ser humano?*[5] E, querendo explicar as palavras *o que há de mais perfeito no ser humano*, eu acrescentei, um pouco depois: *Alguém alguma vez*

---

[4] Livro I, cap. 3.
[5] Livro I, cap. 5.

duvidou de que o que há de mais perfeito no ser humano é a parte da alma à qual tudo em nós deve submissão e obediência? Ora, para que você não peça outra definição, essa parte é o que se pode chamar de razão ou espírito[6].

Isto é verdade, pois, de tudo o que pertence à natureza humana, não há nada de melhor nela do que a razão e o espírito.

Mas, quem quer viver de forma feliz, não deve viver somente segundo a razão, pois assim viveria segundo o ser humano, enquanto que, para poder atingir a beatitude, é segundo Deus que se deve viver. Para atingir essa beatitude, nossa alma não deve se contentar com ela mesma; ela deve se submeter a Deus.

Respondendo então ao meu interlocutor, eu lhe disse: *Aqui, certamente, você não está no erro e eu gostaria de todo coração que isso fosse um bom augúrio para você*[7]. Embora eu tenha utilizado esta expressão não seriamente, mas de forma jocosa, eu não deveria tê-la utilizado. Eu não me lembro de ter lido a palavra *augúrio* (*omens*) nas santas Escrituras e nem nas obras de nenhum autor eclesiástico. No entanto, é de lá que vem a palavra *abominação*, encontrada frequentemente nas santas Epístolas.

---

[6] Livro I, cap. 5.
[7] Livro I, cap. 11.

3

No segundo livro, há uma fábula ridícula e extravagante; a da filocalia e da filosofia, que são *totalmente irmãs e nascidas do mesmo pai*[8].

De fato, ou o que se chama de filocalia só é entendido como pura bagatela e, então, não é de, de nenhuma maneira, irmã da filosofia, ou então, se esta palavra tem algum valor, por que ela significa "amor ao belo" e há uma verdadeira e suprema beleza na sabedoria, a filocalia e a filosofia não passam, na esfera incorpórea e superior, de uma única e mesma coisa. Elas não podem então, de forma alguma, serem duas irmãs.

Em outra passagem, tratando da alma, eu disse: *para retornar com mais segurança ao céu*[9]. Seguramente, eu deveria ter dito *entrar* e não *retornar*. Isto por causa daqueles que pensam que as almas humanas, caídas ou expulsas do céu, por causa de seus pecados, precipitaram-se para os corpos[10].

Mas eu não hesitei em dizer *ao céu*, querendo dizer a Deus, como seu autor e criador. Da mesma forma como São Cipriano não hesitou

---

[8] Livro 2, cap. 7.
[9] Livro 2, cap. 22.
[10] Refere-se aos platônicos, que professam esta doutrina, como se pode ver na Cidade de Deus, livro XXI, 26.

em escrever: “Sendo nosso corpo de terra e nossa alma vinda do céu, somos terra e céu”[11].

Também está escrito no Eclesiastes: *Antes que o sopro de vida retorne a Deus que o deu*[12]. A compreensão desta frase não deve se afastar do que disse o Apóstolo: *Antes mesmo que fossem nascidos e antes que tivessem feito bem ou mal algum*[13]. Então, não pode haver dúvida: o próprio Deus é uma certa região originária da beatidude da alma. Deus, que a tem, não a gerou dele mesmo, mas a formou do nada, como formou o corpo de terra[14].

Quanto à origem da alma e a maneira como ela se encontra no corpo; se ela vem daquele primeiro ser que foi criado e feito alma viva ou se ela é criada uma para cada ser humano, eu ignorava então e continuo ignorando ainda hoje.

4

No terceiro livro eu digo: *Se você me pergunta o que eu penso, eu penso que o soberano bem do ser humano está na mente*[15].

---

[11] São Cipriano. *A Oração do Senhor*.
[12] Eclesiastes 12: 7.
[13] Romanos 9: 11.
[14] Cf. Gênesis 2: 7.
[15] Livro III, cap. 27.

Eu teria dito, com mais verdade, *em Deus*. É de Deus, de fato, que a mente, para ser feliz, deve desfrutar como seu soberano bem.

Desagrada-me também ter escrito: *Certamente eu poderia jurar por tudo o que há de mais sagrado*[16].

Da mesma forma, quando eu disse sobre os Acadêmicos que eles examinaram *sagazmente quais eram as ações que os filósofos aprovavam e vendo que elas pareciam não sei com quais ações verdadeiras, chamaram de verossímil tudo o que se acreditava dever ser feito neste mundo*[17] e taxei de falsa essa verossimilhança na qual eles acreditavam, eu errei e por dois motivos: primeiro por que não é exato que o que tem alguma semelhança com o verdadeiro seja falso, pois ele é uma verdade em seu gênero; depois, por que eu lhes atribui a crença nessas falsidades que eles chamavam de verossímeis, quando, na verdade, eles não acreditavam nelas e diziam que os sábios não devem aderir a elas. Como eles chamavam essas verossimilhanças de probabilidades, foi isto que me fez me expressar daquela forma.

Eu também louvei Platão e os platônicos ou os filósofos da Academia e os exaltei mais do que o conveniente para ímpios. Eu me arrependo disso. Sobretudo quando penso que é principalmente contra seus profundos erros que é preciso defender por toda parte a doutrina cristã.

---

[16] Livro III, cap. 35.
[17] Livro III, cap. 40.

Da mesma forma, quando, em comparação com os argumentos de Cícero em seus livros acadêmicos eu chamei de *bagatelas* os raciocínios invencíveis que contrapuz aos seus. Embora eu tenha dito isto de forma jocosa e em tom de ironia, eu errei e não devia ter dito aquilo.

Esta obra começa assim: *Deus queira, Romaniano, que a virtude possa, por sua vez, arrebatar, da força contrária da Fortuna, a pessoa que lhe convém, assim como ela impede facilmente ser arrebatada por quem quer que seja!*

Livro I

Após ter exortado Romaniano ao estudo da verdadeira filosofia, Santo Agostinho coloca Licêncio, filho de Romaniano e Trigésio em três debates sucessivos. Um sustenta, como os acadêmicos, que a vida feliz consiste em buscar a verdade e o outro se empenha em demonstrar que só se poderia ser feliz conhecendo a verdade. A discussão leva à definição do erro e da sabedoria. O grande doutor discursa longamente sobre esta última.

Capítulo 01

Deus queira, Romaniano, que a virtude possa, por sua vez, arrebatar, da força contrária da Fortuna, a pessoa que lhe convém, assim como ela impede facilmente ser arrebatada por quem quer que seja! Eu estou convencido de que ela já colocou a mão sobre você e, proclamando que você lhe pertence, ela o levará ao gozo dos bens sólidos e não permitirá mais que você seja escravo, nem mesmo das coisas felizes.

Mas, seja como castigo por nossas faltas, seja por necessidade de nossa natureza, o espírito mais sublime, se conserva alguma ligação com os bens frágeis, não pode atracar no porto da verdadeira sabedoria, para ali ficar ao abrigo das tempestades da má sorte e das seduções da prosperidade; a menos que uma desgraça secreta ou mesmo algum vento favorável ali o faça entrar.

Só nos resta então suplicar ao Senhor __ que preside esses destinos __ que lhe conceda isso. Este é o meio mais fácil de concedê-lo igualmente a nós. Que ele se digne também permitir que sua inteligência, que há tanto tempo almeja essa dádiva, respire finalmente o grande ar da verdadeira liberdade.

Talvez, afinal, o que se chama comumente de fortuna esteja submetido a um governo secreto. Talvez chamemos de acaso aos acontecimentos cuja causa e razão não descobrimos e nada de particular aconteça, de bom ou de ruim, que não tenha sua relação e sua concordância com o conjunto. Esta impressão é ensinada pelos oráculos das doutrinas mais fecundas. Isto não está acessível às inteligências comuns, mas a filosofia à qual o convido promete demonstrar a verdade aos seus verdadeiros amigos.

Não se menospreze, portanto, por que acontecem incidentes indignos de você. Se for verdade __ e não se pode duvidar disso __ que a Providência divina se estende até nós, acredite-me, é necessário que você passe por essa experiência.

Com efeito, desde sua juventude, quando sua razão ainda cambaleava, você entrou __ dotado desse excelente caráter que eu não posso deixar de admirar __ na vida deste mundo, onde só há erros e prejulgamentos e se viu no meio de abundantes riquezas. E, na idade em que o coração se apaixona pelo que é belo e grande, você se deixou prender

pelas doçuras dos prazeres e teria caído de abismos em abismos, se os golpes dessa sorte, que se chama adversidade, não tivesse vindo arrancá-lo do naufrágio.

Capítulo 02

Mas, se você ainda propiciava, aos seus concidadãos, combates de ursos e outros espetáculos desconhecidos até então; se você só recolhia os aplausos os mais inebriantes do teatro; se a voz dos insensatos, cujo número é imenso, se erguia e se impunha para elevá-lo até às nuvens; se ninguém ousava se dizer seu inimigo; se os registros públicos o assinalavam como o protetor de seus concidadãos e até mesmo das cidades vizinhas e mandavam gravar seu nome no bronze; se lhe erguiam estátuas; se ornavam sua toga com os sinais múltiplos das honras e das dignidades; se lhe preparavam diariamente esplêndidos festins; se todos lhe pediam sem hesitar e obtinham imediatamente tudo o que poderia satisfazer suas necessidades e até mesmo seus prazeres; se suas benesses se estendiam até mesmo para aqueles que não as pediam e que seus bens fielmente administrados por sábios agentes forneciam sempre os meios de cobrir tão suntuosas despesas; se você mesmo passava sua vida em suntuosos palácios, em banhos voluptuosos, em jogos honestos, na caça e nos festins; se pela boca de seus clientes, de seus concidadãos, de todas as pessoas enfim, você era proclamado o mais agradável, o mais liberal, o mais elegante, o mais feliz dos homens; e você o foi; eu lhe

pergunto, quem ousaria, Romaniano, quem ousaria lhe falar de outra vida, que é a única feliz? Quem tentaria convencer você, não apenas que você não é feliz, mas também que você é tão miserável quanto menos você acredita nisso?

Agora que é fácil falar a você dessa verdade, graças às suas inumeráveis e terríveis desgraças; ah!, não há necessidade de lhe mostrar exemplos estranhos para lhe provar que não há solidez e nem duração em tudo o que as pessoas chamam de bens e que tudo está pleno de calamidades. Uma triste experiência lhe serviu tanto, que podemos daqui por diante propor aos outros o seu exemplo.

Capítulo 03

Assim então, esse belo caráter, que sempre o levou a desejar as grandes e belas coisas, a gostar mais de ser liberal do que rico, a ser mais justo do que poderoso e a não se curvar jamais diante da adversidade e da injustiça; esse divino caráter, que essa vida tinha como que enfraquecido e paralisado, uma secreta providência resolveu reanimar, através de diversas e violentas sacudidas.

Desperte, então, eu lhe peço, desperte! Acredite em mim, você se felicitará com alegria por não ter recolhido favores deste mundo e quase nenhuma prosperidade, aos quais se deixam dominar tantas almas imprevidentes.

Ocupado em celebrar diariamente esses favores, eu mesmo estive ameaçado de ser vítima deles, se uma dor violenta no peito não me tivesse forçado a renunciar a essa escola de vaidades, para me refugir no seio da filosofia. É ela que agora me alimenta e me fortifica nesse lazer que eu tão ardentemente desejei. Foi ela que, por fim, me retirou desse abismo de supertições, para onde eu fatalmente o arrastei comigo[18]. Ela ensina, com razão, que tudo o que é visível a um olho mortal, tudo o que impressiona nossos sentidos não é digno de nenhum culto e merece nosso desprezo. Ela promete manifestar o Deus verdadeiro e desconhecido e já se digna nos fazer percebê-lo como que através de algumas nuvens luminosas.

Capítulo 04

Nosso querido Licêncio vive, como eu, completamente dedicado a essa bela ciência. Inteiramente afastado das seduções e das volúpias de sua idade, ele se voltou tão ardentemente rumo a ela que ouso, sem medo, propô-lo como modelo para seu pai. Nenhuma idade pode, afinal, queixar-se por ser excluída do seio da filosofia.

Para estimulá-lo a se dedicar a ela, para impulsioná-lo com mais avidez, embora eu saiba perfeitamente da sede que você tem por ela, eu

[18] Romaniano, sem dúvida, caiu, como Santo Agostinho, no erro dos maniqueus.

quis lhe enviar como que um aperitivo. Que você o ache tão agradável que o estimule a seguir em frente! Não deixe que eu me decepcione em minha esperança.

Eu te envio, então, uma discussão entre Trigécio e Licêncio, que eu tive o cuidado de fazer registrar. Dir-se-ia que a milícia só o chamou de o primeiro em suas fileiras para lhe poupar o desgosto do trabalho, pois ele retornou ainda jovem, cheio de ardor e de paixão pelos grandes e nobres estudos.

Alguns dias, então, depois que começamos a vida que nos propusemos levar no campo, eu quis exortá-los e animá-los ao estudo. Mas, encontrando-os mais preparados e mais ardentes do que eu havia esperado, eu quis verificar do que eles eram capazes nessa idade. Sobretudo por que a leitura do **Hortêncio**, de Cícero, pareceu já tê-los grandemente dispostos à filosofia.

Chamei então um escriba, já que não queria que nosso trabalho fosse levado ao vento e, assim, não deixaria perder nada dele. Você encontrará neste livro suas reflexões e seus pensamentos, bem como as palavras de Alípio e as minhas.

PRIMEIRO DEBATE

Capítulo 05

Depois então que, sob meu convite, ficamos todos reunidos em um mesmo lugar e quando o momento me pareceu favorável eu disse:

__ Alguém tem dúvida de que sejamos obrigados a conhecer a verdade?

__ De forma alguma, respondeu Trigécio e os outros demonstraram em seus rostos que eram da mesma opinião.

__ Mas, retomei então, se podemos ser felizes sem conhecer a verdade, vocês acham que é necessário conhecê-la?

__ Sobre esta questão, diz Alípio, eu acho que desempenharia melhor o papel de juiz. Pois, tendo resolvido fazer uma viagem até à cidade, seria preciso que eu fosse incumbido de uma parte da discussão e me será mais fácil encontrar alguém a quem delegar o papel de juiz, muito mais do que o de defensor. Assim então, não esperem de mim que tome partido em um ou noutro sentido.

Quando concordamos com seu pedido e eu repeti minha pergunta, Trigécio disse:

__ Certamente, todos nós queremos ser felizes e se podemos conseguir isso sem a verdade, não nos é necessário procurá-la.

Eu repito:

__ Quer dizer então que você acha que podemos ser felizes sem ter encontrado a verdade?

Diz então Licêncio:

__ Certamente, contanto que a procuremos.

Aqui eu fiz sinal aos outros para que dessem sua opinião.

__ Eu estou bastante emocionado com o que Licêncio disse. Talvez seja a mesma coisa, viver feliz e viver buscando a verdade.

Diz Trigécio:

__ Defina então o que é a vida feliz, para que eu possa, segundo essa definição, ver o que eu deveria responder.

Eu lhe digo:

__ Você acha que viver de forma feliz seja algo diferente do que viver conforme ao que há de mais perfeito no ser humano?

Ele retoma:

__ Não falarei de forma imprudente, pois cabe a você me definir o que há de mais perfeito no ser humano.

Eu digo:

__ Alguém alguma vez duvidou de que o que há de mais perfeito no ser humano é a parte da alma à qual tudo em nós deve submissão e obediência? Ora, para que você não peça outra definição, essa parte é o que se pode chamar de razão ou espírito. Se você não concorda com esta definição, procure definir você mesmo o que é a vida feliz e o que há de mais perfeito no ser humano.

Ele respondeu:

__ Eu sou dessa opinião.

Capítulo 06

Eu lhes disse, para retornar ao nosso objetivo:

__ Pois bem! Parece a você que, sem ter encontrado a verdade, se pode viver feliz, contanto que ela seja buscada?

Ele disse:

__ Eu sustento minha opinião. Eu não acredito.

Eu digo aos outros:

__ E vocês, o que acham?

Afirma Licêncio:

__ Por mim, eu acredito no contrário. Com efeito, nossos antigos, que temos como sábios e felizes, viveram bem e felizes, por que buscavam a verdade.

Eu digo:

__ Eu lhe dou graças por ter feito Alípio o seu juiz, cujo papel eu já começava a invejar. Assim então, parece a um de vocês que a vida feliz consiste somente na busca da verdade e ao outro que ela consiste em encontrá-la. Navígio deu a entender que se inclinava para o nosso lado. Licêncio, eu espero então, com impaciência, como cada um poderá defender sua opinião. Pois isso é uma coisa grande e muito digna de uma cuidadosa discussão.

Diz Licêncio:

__ Se ela é uma coisa grande, ela pede pessoas grandes.

Eu lhe digo:

__ Você não pretende encontrar neste campo o que seria difícil encontrar no mundo todo. Desenvolva você mesmo o que você, sem dúvida, não antecipou de modo inconsiderado e mostre as razões nas quais se apoiou. Pois as grandes coisas, quando são tratadas por gente pequena, têm o costume de torná-las grandes.

Capítulo 07

Diz então Licêncio:

__ Eu vejo que você nos pressiona muito para que discutamos e estou certo que é para nossa utilidade. Assim, eu pergunto por que não se poderia ser feliz buscando a verdade, mesmo sem encontrá-la.

Diz Trigécio:

__ É por que queremos que a pessoa feliz seja em tudo perfeita e sábia. Ora, aquele que ainda busca não é perfeito. Eu não vejo então como você pode sustentar que ela seja feliz.

Responde Licêncio:

__ Você tem alguma deferência para com a autoridade dos antigos?

__ Não para com todos, responde Trigécio.

__ Para com quais então?

__ Para com aqueles que foram sábios.

Retoma Licêncio:

__ Carnéades, parece sábio para você?

Responde Trigécio.

__ Eu não sou grego. Não sei quem foi Carnéades.

__ E o nosso grande Cícero, o que você pensa dele?

Após um longo silêncio:

__ Foi um sábio, responde Trigécio.

__ Você acredita então que sua opinião sobre esta questão poderá ser de algum peso?

__ Sim.

__ Saiba então qual era essa opinião, pois parece que isso escapou a você. Ora, nosso Cícero afirma que quem busca a verdade é feliz, mesmo que não consiga encontrá-la.

__ Onde Cícero disse isso?

Retoma Licêncio:

__ E quem não sabe que ele afirmou energicamente que tudo escapa à compreensão do ser humano e que só resta ao filósofo buscar cuidadosamente a verdade? Por que se ele viesse a dar seu consentimento a coisas incertas, mesmo quando, por acaso, elas fossem verdadeiras, ele não conseguiria se livrar do erro. Este é o maior erro do filósofo[19]. Se então, é preciso acreditar que o filósofo é necessariamente feliz e que a busca da verdade é o ofício perfeito da filosofia, por que hesitar ainda

[19] Cícero. *Fragmento 101*, t. A.

em acreditar que se pode chegar à vida feliz unicamente através dessa própria busca?

Capítulo 08

Pergunta Trigécio:

__ Posso retomar algumas coisas que eu disse de forma imprudente?

Aqui, eu tomo a palavra:

__ Comumente só se concede essa faculdade àqueles que têm o desejo de encontrar a verdade, mas que são levados por uma vaidade pueril do espírito. Assim, com o cuidado de educá-los e instruí-los, não apenas concedo essa faculdade, como até mesmo quero que vocês olhem como uma regra retomar a discussão de coisas com as quais vocês concordaram muito inconsideradamente.

Retoma Licêncio:

__ Na minha opinião, não é um progresso pequeno em filosofia ser tocado pelo desejo de encontrar a razão e a verdade quando se disputa e de só ter desprezo pela vitória. Eu concordo, de boa vontade, com seu comando e com sua opinião e permito a Trigécio, como é meu direito, retornar ao que lhe pareceu ter dito de maneira muito imprudente.

Aqui Alípio toma a palavra:

__ Vocês reconhecem, como eu, que ainda não é tempo de exercer o ofício que aceitei. Mas, a pequena viagem que eu resolvi fazer há algum tempo me obriga a interromper minhas funções de juiz. Espero que aquele que a compartilha comigo queira, até meu retorno, se encarregar das duas autoridades, pois percebo que nossa discussão poderá se prolongar bastante.

Depois que ele partiu, Licêncio disse a Trigécio:

__ Mostre o que você antecipou sem reflexão.

__ Eu afirmei muito superficialmente que Cícero era um sábio.

__ Mas então?! Cícero não foi um sábio? Ele que começou entre os latinos o estudo da filosofia e a levou até à perfeição?!

Replica Trigécio:

__ Mesmo que eu admita que ele foi um sábio, isso não significa que eu concorde com tudo o que ele disse.

__ Será preciso que você refute muitas outras coisas de suas opiniões, se você não quiser parecer que desaprova imprudentemente esta que tratamos aqui.

__ Se eu estiver pronto para sustentar esta somente, eu o desaprovo? O que lhe importa é que apresente razões de algum valor para minha afirmação.

__ Continue, diz Licêncio.

__ Eu ainda ousaria avançar contra aquele que se declara adversário de Cícero?

Capítulo 09

Diz Trigécio:

__ Eu gostaria que você, que é nosso juiz, prestasse atenção à definição que você nos deu antes sobre a vida feliz. Você disse, com efeito, que é feliz aquele que vive segundo a parte da alma que merece comandar as outras. E você, Licêncio (pois, em virtude da liberdade que a filosofia promete tão claramente nos garantir, eu sacudi o jugo da autoridade), eu quero que você concorde comigo que aquele que ainda busca a verdade não é perfeito.

Após algum tempo de silêncio:

__ Eu não concordo com isso, diz Licêncio.

Retoma Trigécio:

__ Por que não? Explique, eu te peço, pois estou aqui para isso e desejo saber por que meio uma pessoa pode ser perfeita e ainda buscar a verdade.

Ele respondeu:

__ Eu confesso que aquele que ainda não chegou ao fim não é perfeito. Eu creio, no entanto, que somente Deus conhece a verdade. Talvez também a alma a conheça, quando ela tiver abandonado a prisão tenebrosa deste corpo. Quanto ao ser humano, sua finalidade é a busca perfeita da verdade, pois, se buscamos um ser humano perfeito, nem por isso ele deixa de ser humano.

Replica Trigécio:

__ O ser humano então não pode ser feliz? Como ele o seria, afinal, se ele não pode chegar ao fim que ele deseja tão ardentemente? Ora, é certo que o ser humano pode ser feliz, pois ele pode viver obedecendo à parte de sua alma que deve comandá-lo. Portanto, ele pode encontrar a verdade. Ou então, é preciso que ele se volte para ele mesmo e abandone o desejo da verdade, para não se tornar necessariamente infeliz, diante da impossibilidade de consegui-la.

Diz então Licêncio:

__ Mas a verdadeira felicidade do ser humano consiste em buscar perfeitamente a verdade. Isto é conseguir o fim do ser humano, já que

ele não pode ir além. Então, aquele que não busca a verdade com todo o ardor necessário não atinge a finalidade do ser humano. Mas aquele que se ocupa em buscar a verdade, na medida em que o ser humano pode e deve fazê-lo, este é feliz, mesmo quando não a encontra, pois ele fez tudo para o qual nasceu. Se ele não chega ao objetivo para o qual nasceu, falta-lhe o que a natureza lhe recusou. Por fim, já que é preciso que o ser humano seja feliz ou infeliz, não é errado e louco chamar de infeliz aquele que passa os dias e as noites a buscar a verdade o tanto que ele pode? Portanto, ele é feliz. Eu acrescento que a definição que dei da felicidade me serve admiravelmente. Com efeito, se é feliz __ e isto é incontestável __ quem vive obedecendo à parte da alma que deve comandar as outras e se essa parte da alma se chama razão, eu pergunto: não vive segundo a razão, aquele que busca perfeitamente a verdade? Se é absurdo negar isso, por que hesitar ainda em declarar que uma pessoa é feliz somente em buscar a verdade?

Capítulo 10

Diz Trigécio:

__ Eu creio que todo aquele que está no erro, não pode viver segundo a razão e nem ser feliz. Ora, está no erro aquele que sempre busca e nunca encontra. Assim, é preciso que você prove uma dessas duas

coisas: aquele que está no erro pode ser feliz ou que, mesmo não encontrando o que sempre se busca, não se está no erro.

Repete Licêncio:

__ Aquele que é feliz não pode errar.

Depois, após um longo silêncio:

__ Pois, buscar não é errar, já que se busca atentamente para não errar.

Diz Trigécio:

__ Eu concordo que se busca para não errar, mas, já que não se encontra, está-se no erro. Você achou que se livraria do embaraço argumentando que não se quer estar no erro, como se só se pudesse estar no erro contra a vontade, ou melhor, que só se erra contra a vontade.

Eu, vendo que Licêncio demorava para responder, lhes disse:

__ É preciso que vocês definam erro, pois assim vocês poderão ver mais claramente, já que aí entraram tão profundamente.

Rebate Licêncio:

__ Eu não estou muito certo sobre o erro, embora seja mais fácil definir o erro do que acabar com ele.

Diz Trigécio:

__ Por mim, eu defino. Isso me é muito fácil. Não por causa dos recursos do meu espírito, mas para benefício da minha causa. Errar, em minha opinião, é sempre buscar e não encontrar.

Fala Licêncio:

__ Seu eu pudesse refutar essa definição, minha causa ganharia muito, mas, já que a coisa é árdua por ela mesma, assim me parece, eu peço que a questão seja remetida para amanhã. Eu não pude encontrar a resposta hoje, mesmo após ter pensado muito.

Como este desejo me pareceu legítimo e os outros não se opunham a ele, nos levantamos para caminhar. Mas, enquanto entre nós a conversa se desenvolvia sobre numerosos e diversos assuntos, Licêncio permanecia absorvido em seus pensamentos. Percebendo que se cansava em vão, ele achou melhor deixar sua mente descansar um pouco e se incluir em nossa conversa.

Mais tarde, eles retornaram à mesma discussão. Mas eu pus fim a ela e os convenci a deixá-la para outro dia. Então, fomos aos banhos.

SEGUNDO DEBATE

Capítulo 11

No dia seguinte, nos sentamos e eu lhes disse:

__ Continuem o que começaram ontem.

Licêncio diz:

__ Se não me engano, suspendemos a discussão a meu pedido, por que a definição de erro me perturbou muito.

Eu respondi:

__ Aqui, certamente, você não está no erro e eu gostaria de todo coração que isso fosse um bom augúrio para você.

Ele me disse:

__ Escute então o que eu teria dito ontem, se você não tivesse interrompido. Tomar o falso pelo verdadeiro; eis, eu creio, o que é estar no erro. Nisto não cai jamais aquele que acredita que a verdade é algo para sempre se buscar. Pois aquele que não admite nada não pode admitir o falso. Ele não pode, portanto, errar. Mas ele pode muito facilmente ser feliz. E, sem ir muito longe, se nos fosse permitido viver cada dia como vivemos ontem, eu não vejo por que temeríamos nos considerar felizes. Pois vivemos em uma grande tranquilidade de espírito, erguendo a alma acima de qualquer sujeira corporal, nos mantendo bem afastados dos ardores da cupidez, dedicando nosso tempo à razão, na medida em que isso seja permitido ao ser humano, ou seja, vivendo segundo a parte divina de nossa alma, o que faz a vida feliz, como concordamos em nossa definição de ontem. Parece-me, no entanto, que não encontramos nada e só fizemos buscar a verdade. O ser humano pode, então, conseguir a vida feliz, buscando a verdade sem encontrá-la. E veja co-

mo é fácil refutar sua definição, através de uma noção simples e comum. Você disse que estar no erro é sempre buscar e não encontrar.

Mas, imagine alguém que não busque nada e pergunte-lhe, por exemplo, que horas são agora. Se ele não para muito para pensar e diz que agora é noite, você não diria que ele está no erro? Sua definição não abrange, portanto, esse tipo tão grosseiro de erro. Além disso, se ela se aplica às pessoas que não erram, pode existir uma definição mais falha?

Se uma pessoa deseja ir a Alexandria e toma o caminho para lá, você não pode dizer que ela está no erro, eu creio. No entanto, se, por diferentes razões, ela permanece muito tempo na estrada ou é até mesmo surpreendida pela morte, ela sempre buscou e nunca encontrou, mas, no entanto, nunca errou.

Contestou Trigécio:

__ Não, ela nem sempre buscou.

Capítulo 12

Retrucou Licêncio:

__ Você tem razão e sua observação vem a calhar. Isto mostra perfeitamente, com efeito, que sua definição não é pertinente. Eu não disse que aquele que busca a verdade é feliz. Isto é impossível. Primeiramente por que ele nem sempre foi adulto e assim que começa a ser

adulto, sua idade o impede de buscar a verdade. Se você ainda quer sustentar que ele busca sempre, que ele não perde nenhum dos momentos que pode para empregar nisso, é preciso que você retorne a Alexandria.

Suponha, com efeito, um homem que __ desde o primeiro momento em que sua idade e seus afazeres lhe permitiram __ se coloque na estrada, avance sempre sem retroceder um passo, como eu já mencionei e morra, no entanto, antes da chegada. Seguramente você se engana redondamente ao sustentar que ele errou, embora ele não tenha deixado de buscar e não tenha atingido seu objetivo. Por isso, se minha definição é verdadeira, não erra quem busca conscientemente a verdade sem encontrá-la e ele é feliz somente por que vive conforme a razão. Mas, sua definição é falha e mesmo que não fosse, eu não devo me preocupar muito com ela, já que a minha basta para defender minha causa. Por que então, eu lhe pergunto, não dar esta questão como terminada entre nós?

Capítulo 13

Diz então Trigécio:

__ Você concorda então que a filosofia seja o caminho correto da vida?

Responde Licêncio:

__ Sem dúvida. Eu peço, no entanto, que você defina filosofia, para vermos se temos a mesma ideia.

Diz Trigécio:

__ Ela não te parece já suficientemente definida pela pergunta que lhe fiz? Você mesmo concordou com ela, pois, se não me engano, não é errado chamar a filosofia de o caminho correto da vida.

Diz Licêncio:

__ Nada me parece mais ridículo do que esta definição.

Fala Trigécio:

__ É possível. No entanto, não nos precipitemos, eu lhe peço e raciocinemos antes de rir, pois nada é mais vergonhoso do que uma zombaria que é digna de uma zombaria maior.

Retomou ele:

__ Mas, você não concorda que a morte é o contrário da vida?

__ Concordo.

Prossegue Licêncio:

__ Ora, eu não vejo outro caminho para a vida que não seja aquele por onde todos passam para não cair na morte.

Trigécio fez um sinal de concordância.

Licêncio acrescentou:

__ Então, se algum viajante não entra em uma hospedaria em que ouviu que há ladrões e segue em frente seu caminho, salvando-se assim da morte, ele não seguiu o caminho correto da vida? No entanto, ninguém chama esse caminho de filosofia. Como então todo caminho correto da vida pode ser filosofia? Eu concordei que ela é esse caminho, mas ela não é só isso. Sua definição não deveria compreender nada de estranho. Por isso, defina novamente, por favor, o que é filosofia.

Capítulo 14

Ele mantém silêncio por algum tempo e depois diz:

__ Há outra maneira de definir a filosofia, se você resolveu não encerrar este ponto. A filosofia é o caminho correto que conduz à verdade.

Diz Licêncio:

__ Isso se refuta da mesma maneira, pois, segundo o que é dito a Enéias, por sua mãe, na **Eneida**, de Virgílio: *Vá, dirija seus passos para onde o leva a estrada*[20]. Seguindo essa estrada, ele chega aonde lhe disseram, ou seja, à verdade. Mantenha, se lhe agrada, que o lugar onde Enéias coloca os pés pode se chamar filosofia, mas, eu seria louco se me desse ao trabalho de refutar sua definição, pois, não há outra que

[20] VIRGÍLIO. *Eneida*, 1, 401.

sirva melhor à minha causa. Você não disse, com efeito, que a filosofia é a própria verdade, mas somente o caminho que conduz à ela. Então, quem segue esse caminho segue a própria filosofia e quem segue a filosofia deve, necessariamente, chegar a ser sábio. Assim também, será sábio quem tiver buscado da melhor maneira a verdade, embora ainda não tenha chegado à ela. Afinal, em minha opinião, não se pode imaginar um melhor caminho que conduza à verdade do que uma cuidadosa busca da verdade. Assim, para se tornar sábio, basta seguir esse caminho. Ora, se não há um sábio que seja infeliz e se toda pessoa ou é feliz ou miserável, então, não é somente encontrando-a, mas buscando a verdade que se é feliz.

Capítulo 15

Trigécio retoma então, sorrindo:

__ Foi bom que tudo isso me acontecesse, depois de ter seguido com tanta confiança a opinião de meu adversário em uma coisa tão secundária. Sou então um grande criador de definições e nada me parece mais inútil em uma discussão? Onde pararíamos, se eu sucessivamente lhe pedisse para me definir alguma coisa, depois os próprios termos da definição e, por fim, todas as consequências que decorrem disso, fingindo não compreender nada? Pois, o que há de tão claro que eu não possa lhe pedir a definição, se você está no direito de me pedir a defini-

ção de filosofia? Há uma palavra que a natureza tenha gravado em nossas almas uma definição mais nítida? Mas, eu não sei como, depois que essa própria noção saiu de nosso espírito, onde ela estava como que em um porto e que ela se viu envolvida como que por velas, as sutilezas logo lhe apareceram como escolhos, onde ela pode naufragar mil vezes. Que não me peçam mais uma definição de filosofia, ou que nosso juiz se digne em tomá-la como sua incumbência.

Vendo então que a noite impediria o registro de nossas palavras e sentindo chegar uma grande e nova questão, transferi a discussão para outro dia. Tínhamos começado a discutir quando o sol já estava em seu declínio e o dia tinha transcorrido quase todo no cuidado de alguns assuntos do campo e em reler o primeiro livro de Virgílio.

TERCEIRO DEBATE

Capítulo 16

Logo que amanheceu e como na véspera tínhamos terminado nossas ocupações domésticas, nos restava um longo tempo livre e retomamos a questão.

Primeiramente eu disse a Trigécio:

__ Você me pediu ontem que deixasse minhas funções de juiz e tomasse a defesa da filosofia, como se em seu discurso a filosofia tives-

se alguma coisa a temer ou que seu defensor tivesse comprometido tanto sua causa que precisasse implorar um protetor mais poderoso.

Mas, como se trata de saber por vocês o que é a sabedoria, nem um nem outro a atacam, já que ambos querem conhecê-la e, se você acha que errou ao defini-la, isso não é razão para abandonar todo o resto da defesa de sua opinião.

Você terá então de mim apenas uma definição que não é minha e nem é nova, mas que de sábios dos tempos antigos e me espanta que vocês não tiveram o cuidado de se lembrarem dela. Não é de hoje que vocês ouvem dizer que *A filosofia é a ciência das coisas divinas e humanas*[21].

Capítulo 17

Achei que Licêncio levaria muito tempo para encontrar o que dizer depois desta definição, mas ele imediatamente respondeu:

__ Por que então, eu lhe pergunto, não chamar de sábio ao celerado que conhecemos bem e que se dedica a todo tipo de crimes e infâmias? Eu falo de Albicério que, há muitos anos diz coisas muito certas e maravilhosas àqueles que vão consultá-lo em Cartago. Eu poderia relatar um grande número delas, se eu não falasse com gente que teve pes-

[21] CÍCERO. *Tusculanae Quaestiones*, 4, 26, 27 e *De Officiis*, 2, 2, 5.

soalmente a experiência. Bastará que eu recorde algumas para provar meu ponto.

Você lhe perguntou (era a mim que ele se referia) onde estava uma colher que não era encontrada na casa e ele não disse muito pronta e verdadeiramente, não apenas onde ela estava escondida como o nome da pessoa que a havia pegado?

Eu não falo da verdade das respostas sobre questões que lhe foram colocadas em minha presença, mas, um escravo que carregava moedas e que havia roubado uma parte delas, quando nos encontramos com Albicério ele ordenou que elas fossem contadas diante dele e obrigou o escravo a devolver diante de nossos olhos o que ele havia retirado, antes que ele próprio visse as moedas e que tivesse sabido por nós o quanto havia sido levado.

Capítulo 18

Não soubemos de você mesmo o que um dia espantou Flaciano, um homem tão sábio e tão famoso?

Estando em tratativas para adquirir uma propriedade, ele foi se encontrar com o adivinho e manteve com ele uma conversa, para saber se ele seria capaz de lhe dizer o que estava fazendo. Albicério logo disse de que negócio se tratava. Além disso e como Flaciano não pôde

conter um grito de espanto, ele citou o nome da propriedade; um nome tão bizarro que Flaciano com muito custo o tinha memorizado.

Por fim, eu não posso falar sem estupefato, um de seus discípulos, nosso amigo, querendo um dia processá-lo, o pressionou vivamente para dizer-lhe no que estava pensando. O adivinho lhe respondeu que ele pensava em um verso de Virgílio. Nosso amigo estupefato e não podendo negar, lhe perguntou qual era essa verso. Albicério, que mal tinha passado um tempo em uma escola de gramática, não hesitou em recitar o verso, de um jeito leve e brincalhão.

Não eram sobre coisas humanas que o consultavam? E ele podia, sem o conhecimento das coisas divinas, dar respostas igualmente verdadeiras e corretas? Seria absurdo pensar uma coisa ou outra, pois as coisas humanas não passam de coisas dos humanos, como o dinheiro, as moedas, um pedaço de terra e até mesmo o próprio pensamento. Quem não avaliaria com razão que as coisas divinas são aquelas pelas quais o poder de adivinhar é dado ao ser humano? Albicério foi, portanto, um sábio, se concordamos que a filosofia é a ciência das coisas humanas e divinas.

Capítulo 19

Diz Trigécio:

__ Primeiramente, eu não chamo de ciência um conhecimento que engana algumas vezes aquele que o possui, pois uma ciência não é somente um sistema de verdades compreendidas, mas compreendidas de sorte que não se deve jamais se enganar com ela e nem se deixar abalar por qualquer dificuldade.

Daí vem que alguns filósofos tiveram razão em dizer que a ciência só pode ser encontrada nos sábios, que não apenas devem compreender o que afirmam e o que fazem, mas também se ater a ela de uma maneira firme e inabalável.

Ora, sabemos que esse Albicério, que você mencionou, disse um bom número de coisas falsas. E eu não soube disso somente pelas bocas de outros, mas ele próprio reconheceu isso algumas vezes. Eu devo então chamá-lo de sábio, quando ele é tão frequentemente enganado e se eu nem mesmo lhe daria este atributo se ele tivesse hesitado em sempre dizer a verdade?

Aplique meu raciocínio aos adivinhos, aos áugures e a todos aqueles que consultam os astros ou se metem a interpretar os sonhos. Ou então me mostre, se puder, um desses homens que jamais hesitou em suas respostas e que tenham sempre dito a verdade. Pois, não se trata aqui dos profetas, que só falam sob a inspiração de um espírito estranho.

Capítulo 20

Além disso, quando eu concordei que as coisas humanas são as coisas dos humanos, você acredita mesmo realmente que possuímos o que o acaso pode nos dar ou nos arrebatar? Ou então você entende por ciência das coisas humanas aquela que mostra a quantidade e a qualidade dos bens de cada um; o que ele tem de ouro, de prata ou então o que ele pensa sobre a poesia do outro?

A ciência das coisas humanas é aquela que conhece a luz da prudência, a beleza da temperança, o poder da força, a santidade da justiça. É isso que nós podemos chamar __ sem medo __ de nossos bens. Por que eles estão ao abrigo das revoluções da sorte.

Se esse tal de Albicério tivesse aprendido essas coisas, sua vida __ creia-me __ teria sido menos desregrada e menos vergonhosa. Se ele disse àquele homem o verso que tamborilava em sua mente, eu não acho que isso deva ser considerado como um dos nossos bens.

Eu não discordo, no entanto, que as ciências honestas pertençam, de uma certa maneira, à nossa mente, mas um ignorante pode recitar e cantar um verso de outro. Por isso, se essas coisas caem em nossa memória, não é de se espantar que elas sejam percebidas por alguns desses espíritos miseráveis que estão no ar e que se chamam demônios. Eu reconheço que eles possam levar vantagens sobre nós, pela fineza e sutileza dos sentidos, mas não pela razão. Eu ignoro de que maneira

secreta e inacessível aos nossos sentidos isso pode acontecer. Mas, se nós admiramos a abelha que voa após ter feito seu mel com não sei que sagacidade superior ao ser humano, não devemos por causa disso prefe-ri-la e nem compará-la a nós mesmos.

Capítulo 21

Eu preferiria ver esse tal de Albicério aprender a fazer versos para quem o pedisse, ou então, solicitado por alguém que viessem consultá-lo, cantasse versos de sua autoria sobre um assunto que se lhe tivessem proposto naquele instante.

É isso que Flaciano dizia frequentemente, como você tem o cos-tume de nos lembrar, quando, do alto de sua grande alma, ele zombava e desprezava desse tipo de adivinhação e que ele atribuía a não sei que abjeto espírito mesquinho, como ele próprio dizia, que instruía Albicé-rio e lhe ditava as respostas. Esse homem sábio perguntava também algumas vezes, àqueles que admiravam tais prodígios, se Albicério po-dia ensinar gramática, ou música, a retórica ou a geometria. Mas quem não sabia que ele ignorava completamente tais ciências?

Assim, Flaciano acabava por exortar aqueles que eram versados nesses estudos, a preferi-los sem hesitação, a essa arte tão inútil de co-nhecer o futuro. Ele lhes recomendava também que trabalhassem para

preencher e fortalecer suas mentes com conhecimentos sérios que os elevariam bem acima desses espíritos invisíveis que estão no ar.

Capítulo 22

Quanto às coisas divinas, todo mundo concorda que elas são melhores e muito mais augustas do que as coisas humanas. Como ele então pode conhecê-las, se ele não conhece ele mesmo?

Você pensa que os astros que contemplamos diariamente são alguma coisa de grande, em comparação com o Deus verdadeiro e escondido, que a inteligência atinge tão pouco e que os nossos sentidos não alcançam, enquanto que esses astros estão presentes aos nossos olhos? Não estão aí então essas coisas divinas que a filosofia declara que só ela conhece.

Ora, quanto às outras coisas das quais os adivinhos abusam, ou para realizar um ganho ou para cantar vantagem, elas são bem inferiores aos astros. Portanto, Albicério não tinha a ciência das coisas divinas e humanas. Você utilizou seu exemplo inutilmente para atacar nossa definição e como é preciso considerar como nada e desprezar tudo o que está fora das coisas humanas e divinas, no que, eu lhe pergunto, esse sábio que você admira procurou a verdade?

Diz Licêncio:

__ Nas coisas divinas, pois, sem dúvida, a virtude no ser humano é alguma coisa de divino.

__ Então Albicério já sabia disso, enquanto que seu filósofo buscará isso sempre?

Responde Licêncio:

__ Ele conhecia coisas divinas, mas não aquelas que o filósofo deve procurar. Pois, não seria inverter o uso comum da linguagem, conceder a um homem a adivinhação e lhe retirar o conhecimento das coisas divinas, de onde a adivinhação tirou seu nome? Por isso, sua definição me parece reunir coisas que não tem relação com a filosofia.

Capítulo 23

Diz então Trigécio:

__ Aquele que fez essa definição que a defenda, por favor.

Diz Licêncio:

__ Eu estou pronto.

Prossegue Trigécio:

__ Você concorda que Albicério conhecia a verdade?

__ Certamente.

__ Ele valia então mais do que seu filósofo?

__ De forma alguma, pois, as verdades que o filósofo procura, não apenas esse adivinho delirante não as conhecia, como elas permanecem desconhecidas ao filósofo durante sua vida mortal. E essa situação é, no entanto, tão excelente, que é muito mais vantajoso buscar essas verdades sublimes do que encontrar algumas vezes as outras.

Diz Trigécio:

__ Eu preciso muito da ajuda de sua definição para me tirar desse mau passo. Ela te pareceu viciosa por que se aplica também àquele que não podemos chamar de filósofo. Mas, você concordará, se dissermos que a filosofia é o conhecimento das coisas divinas e humanas, enquanto relacionadas à vida feliz?

Responde Licêncio:

__ A filosofia é isso, mas não é só isso. É por isso que sua primeira definição foi muito longe e sua última é muito restrita. A primeira pode ser acusada de avareza e a segunda de tolice.

Agora, se me permitem expressar minha opinião em uma definição, direi que a filosofia parece ser não apenas o conhecimento das coisas divinas e humanas que possuem relação com a vida feliz, mas que ela também a busca cuidadosamente. Se dividirmos minha definição, veremos que a primeira parte, que compreende a ciência, é de Deus e que a segunda, que compreende a busca, é do ser humano. Deus é feliz através de uma e o ser humano através da outra.

Rebate Trigécio:

__ Eu admiro como você condena seu filósofo a sempre trabalhar em vão.

__ Por que você diz em vão, se o filósofo é tão bem recompensado? Pois, por que busca, ele é sábio e, por que é sábio, ele é feliz. Na medida em que é possível, com efeito, ele liberta seu espírito de todas as amarras do corpo e se recolhe nele mesmo. Ele não se deixa dilacerar pelas paixões, mas se dedica a ele mesmo e a Deus, com uma tranquilidade inalterável. Assim, já neste mundo, ele goza de sua razão, o que é a felicidade, como concordamos e, ao fim de sua vida, ele estará totalmente pronto para obter o que ele buscou e gozará, justamente, de uma divina beatitude, após já ter desfrutado de uma felicidade humana.

Capítulo 24

Trigécio ficou bastante tempo ocupado preparando uma resposta. Eu tomei então a palavra e disse a Licêncio:

__ Eu não creio que faltem argumentos a Trigécio, se lhe dermos tempo para pesquisar, pois, até o presente, o que foi que ele deixou sem resposta?

Primeiramente, tendo sido levantada a questão da vida feliz e somente o filósofo sendo necessariamente feliz, já que, na própria opinião dos tolos, a tolice é uma miséria. Ele conclui que o sábio deve ser per-

feito e que só não é perfeito na medida em que busca a verdade sem encontrá-la. Daí ele conclui então que ele também não é feliz.

Você quis contrapor a isso o peso da autoridade e o nome de Cícero, que você citou, causou um pouco de perturbação. Mas ele logo levantou a cabeça e se lançando com generosa audácia, à altura de sua liberdade, retomou com ardor o que se queria lhe tirar e lhe perguntou se aquele que ainda busca lhe parece perfeito.

Se você tivesse dito que não era, ele retornaria ao ponto principal da questão e mostraria, se pudesse, através da definição que se tinha adotado, que o ser humano era perfeito quando se conduzia de acordo com a razão e, consequentemente, que não se pode ser feliz sem ser perfeito.

Você escapou mais habilmente dessa armadilha do que eu esperava, dizendo que o ser humano perfeito era aquele que buscava cuidadosamente a verdade e você utilizou, para atacá-lo com mais orgulho e confiança, da mesma definição na qual dissemos que a vida feliz consistia precisamente em viver segundo a razão.

Trigécio replicou então com nitidez, se apoderou de sua posição e sua derrota teria sido completa, se suas forças não tivessem sido repostas com uma trégua. Onde, com efeito, os acadêmicos, cuja opinião você defende, colocaram sua cidadela, se não foi na definição de erro? E se, à noite, talvez sonhando, essa definição não tivesse retornado à sua

mente, você não teria nada para responder. No entanto, você já tinha se lembrado disso, ao expor a opinião de Cícero.

Em seguida, chegamos à definição de filosofia. Você se esforçou com tanta habilidade em combatê-la, que nem Albicério, seu apoiador, percebeu seu estratagema.

Com que atenção, com que força Trigécio resistiu a você! Ele teria sucumbido e inteiramente confundido você, se você não tivesse, enfim, chamado em seu socorro, uma nova definição. A saber, que a filosofia humana era uma busca da verdade, que assegura à alma uma tranquilidade profunda e a torna feliz. Ele não responderá a esta opinião, sobretudo se ele pede trégua para o pouco de tempo que resta hoje.

Capítulo 25

Mas, caso concordem, não prolonguemos mais esta conversa, pois creio que seria supérfluo discutir por mais tempo. A questão foi suficientemente tratada, para o objetivo que nos propusemos. Bastaria algumas palavras para terminá-la inteiramente, se eu não achasse melhor exercitar e testar suas forças e seus estudos, o que é o objetivo de meus maiores cuidados.

Sendo meu objetivo estimulá-los à busca ardente da verdade, eu comecei por examinar a importância dela para vocês. Ora, ela é tão grande para vocês que eu não tenho nada mais a desejar.

Como nós desejamos ser felizes, seja pela descoberta, seja pela busca cuidadosa da verdade, devemos, se queremos ser felizes, buscá-la preferencialmente a todo o resto.

Assim, como eu já disse, terminemos esta discussão e, após tê-la colocado por escrito, enviemo-la sobretudo ao seu pai, Licêncio. Eu sei que o coração dele já se voltou para a filosofia, mas eu espero que a sorte o faça entrar nela. Ele poderá ser mais ardentemente impulsionado ao amor por esses estudos quando souber, não apenas por ouvir dizer, mas pela leitura desta transcrição, que você mesmo vem, comigo, se aplicando a eles.

Com relação a você; se, como eu presumo, os acadêmicos o agradam, prepare-se mais fortemente para defendê-los, pois eu resolvi convocá-los para julgamento.

Com estas palavras, vieram nos avisar que o jantar estava pronto e nos levantamos.

Livro II

Manifestando a Romaniano seu vivo reconhecimento, Santo Agostinho o estimula novamente a se dedicar à filosofia. Ele lhe envia três novas conferências. A primeira mostra as opiniões dos acadêmicos. A segunda determina o que distingue a nova academia da antiga e refuta o sentimento de que esses filósofos que, na suposta incapacidade de descobrir a verdade, se apegam ao verossímil. A terceira explica o que eles entendem por verossímil ou provável.

Capítulo 01

Se fosse tão necessário encontrar a sabedoria quando ela é buscada, quanto é necessário ao filósofo possuir suas regras e o conhecimento, certamente todas as sutilezas dos acadêmicos, toda sua teimosia, toda sua obstinação, ou mesmo, como eu penso, todos os argumentos convenientes, no tempo em que eles viviam, teriam passado com os anos e estariam enterrados com os restos mortais de Cícero e Carnéades. Mas, seja por causa das agitações numerosas e diversas desta vida __ como você mesmo passa por elas, Romaniano __; seja por causa de um certo peso da indolência e da lentidão dos espíritos entorpecidos; seja por causa do desespero para encontrar a verdade, pois o astro da filosofia não ilumina tão facilmente as inteligências quanto a luz que ilumina nossos olhos; seja ainda __ e esse é um erro de todas as pessoas

__ por que se acredita falsamente ter encontrado a verdade; aqueles que a procuram, se agem assim, não procuraram com cuidado ou se deixaram desviar em sua vontade, já que a ciência é rara e é compartilhada por um pequeno número.

Assim, quando entram em contato com os acadêmicos, suas armas parecem invencíveis e como que forjadas por Vulcano, já que eles não são homens medíocres, mas espíritos penetrantes e bem instruídos.

Por isso, se é preciso lutar com as virtudes como remos contra as ondas e as tempestades da sorte, com mais forte razão é preciso implorar o divino socorro com toda devoção e piedade, para que o firme propósito dos bons estudos prossiga seu curso sem que nada o desvie e que se chegue ao porto tão seguro e tão calmo da filosofia.

Esta é a primeira dificuldade. Eis o que me faz temer por você, desejar que você seja libertado e pedir continuamente para você __ em minhas preces de cada dia __ virtudes propícias, se, porventura, eu for digno de interceder por elas. Ora, Aquele a quem eu peço é a própria *força de Deus e sabedoria de Deus*[22] soberano. Aquele que os mistérios nos dão como Filho de Deus é outra coisa?

[22] 1 Coríntios 1: 24.

Capítulo 02

Você me será de grande ajuda em minhas preces, se você não se desesperar por nos ver atendidos, se trabalhar conosco, se unindo a nós, não somente com palavras, mas também com a vontade e com a elevação natural de sua inteligência. É por causa dela que eu o procuro, é ela que me agrada, é ela que eu admiro sempre, foi ela __ Oh, azar! __ que o envolveu nas sombras dos afazeres domésticos como um relâmpago nas nuvens e que está escondida de muitos e talvez de quase todos. Mas, ela não pôde fazê-lo a mim e nem dois ou três de seus amigos, que frequentemente ouvimos ruídos ou mesmo clarões próximos do relâmpago.

Pois, para fazer todo o resto e nos ater somente a um exemplo; quem um dia tanto e tão subitamente trovejou e tanto brilhou com a luz do espírito que, sob um só rugido da razão e um só clarão da temperança __ essa paixão, na véspera ainda violenta __ não se viu vencido em um só dia? Essa virtude não explodirá enfim e o riso de muitos que desesperam não se transformará em confusão e em estupor? Após ter anunciado sobre a terra como certos sinais das coisas futuras, ela não rejeitará novamente o fardo do corpo e não retornará ao céu? Terá sido em vão que Agostinho disse a Romaniano todas essas coisas? Aquele a quem eu me dei todo inteiro e que agora começo a conhecer um pouco, não o permitirá.

Capítulo 03

Aborde então comigo a filosofia e você encontrará nela a razão das suas inquietações e dúvidas costumeiras. Eu não temo em você a preguiça natural e nem o desânimo.

Quando seus afazeres te deixavam algum tempo livre, quem demonstrava nas conversas mais atenção, mais profundidade do que você?

Algum dia conseguirei retribuir a você? Por acaso lhe devo pouco? Quando jovem e pobre, eu deixei minha terra natal para começar meus estudos. Você não me abriu sua casa, seus recursos e, o mais importante, seu coração?

Quando perdi meu pai, sua amizade me confortou, seus discursos me encorajaram, sua Fortuna veio em meu auxílio. Na nossa própria cidade, suas benesses, sua amizade, a honra de morar em sua casa me fizeram quase tão considerado, quase tão bem colocado quanto você.

Quando eu quis retornar a Cartago, para ali ocupar um cargo muito elevado, eu só falei de meus projetos e minhas esperanças a você. Eu não disse nada aos meus amigos. Você tentou me impedir no início, por amor à sua terra natal, onde eu já ensinava, mas assim que você se convenceu de que nada podia abalar a resolução de um rapaz, que se dirigia para algo que lhe pareceu melhor, sua maravilhosa benemerência mudou a reticência em apoio. Você forneceu tudo o que era necessário para

minha viagem e você __ que havia protegido o berço e como que o ninho de meus estudos __ apoiou a audácia de meu primeiro voo.

Quando, durante sua ausência e sem avisá-lo, eu me lancei ao mar, você não se ofendeu por causa de um silêncio que não me era costumeiro e, suspeitando em mim algo que não fosse a arrogância, você manteve inabalável sua amizade e pensou menos no mestre que abandona seus discípulos do que na pureza de minhas intenções.

Capítulo 04

Por fim, se meu tempo livre me faz sentir as alegrias; se eu escapei dos laços dos desejos inúteis, e, após ter me livrado do fardo das coisas perecíveis, eu respiro, eu me reanimo, eu retorno a mim; se eu me aplico em buscar a verdade e se já começo a encontrá-la; se eu espero chegar ao Bem supremo[23], é por que você me estimulou, me animou e tudo realizou.

Mas a fé, mais do que a razão, me explicou de quem você era o instrumento, pois, no tempo em que estivemos juntos, quando eu expus os secretos movimentos do meu coração, que eu declarei a você tão viva e tantas vezes, que eu não achava nada mais agradável do que o tempo

[23] À sabedoria.

livre dedicado ao estudo da filosofia e nem vida mais feliz do que aquela que passava com a filosofia.

Mas eu estava ocupado com os cuidados daqueles cuja vida dependia de minhas funções e por um grande número de obstáculos que me criavam, seja a glória vã, seja a importuna miséria de minha família.

Você demonstrou uma grande alegria, um santo amor por essa vida e disse que, se por qualquer meio, você pudesse romper os penosos laços de todas as atividades em que estivesse envolvido, você quebraria todas as minhas correntes e partilharia sua fortuna comigo.

Capítulo 05

Assim, quando você nos deixou, após nos ter estimulado desta forma, nós não deixamos de suspirar pela filosofia e só pensamos em abraçar esse tipo de vida, que nos havia seduzido e nos agradava tanto.

Sempre estivemos cheios desses desejos, mas eles eram menos vivos. No entanto, imaginamos que isso era suficiente e, como a chama que devia nos arrebatar completamente ainda não havia chegado, aquela que já nos aquecia lentamente nos pareceu excessiva.

Mas, assim que certos livros bem recheados __ como diz Celsino __ espalharam sobre nós os perfumes da Arábia e jogaram sobre essa pequena chama algumas gotas de um óleo precioso, o que aconteceu foi

inconcebível, incrível, meu caro Romaniano e além de tudo o que você pode acreditar de mim.

O que direi mais? Essas poucas gotas provocaram em mim um incêndio que me pareceu incrível. O que me importavam então as honras, a pompa humana, o desejo vão da fama; enfim, tudo o que está relacionado à vida? Eu retornei à mim às pressas, direto e inteiro. Eu me pus a caminho, eu te confesso, rumo a essa religião que tinham semeado no mais profundo de nossos corações infantis e foi ela mesma que me arrastou rumo a ela, sem meu conhecimento.

Por isso, vacilante, hesitante, apressadamente, eu me agarrei ao apóstolo Paulo. Pois, eu me dizia, esses grandes homens não poderiam ter realizado tão grandes coisas, nem vivido como é notório que eles viveram, se seus escritos e seus princípios fossem contrários a essa alta sabedoria. Eu os li então, inteiramente e com muita aplicação e reflexão.

Capítulo 06

Assim, graças a alguns raios de luz que caíam sobre mim, a filosofia se revela para mim, sob uma forma tal que eu jamais pude demonstrar. Não digo a você, que sempre teve sede dessa desconhecida, mas até mesmo àquele contra o qual você se bate e que talvez não seja para você tanto um obstáculo, mas uma ocasião de prova.

Estou certo de que, desprezando e abandonando seus banhos e os encantadores jardins, os festins delicados e brilhantes, os bufões domésticos e, enfim, tudo o que mais vivamente excita nele o prazer, ele voaria rumo a essa beleza suave, como um casto amante, cheio de admiração, sem fôlego e ardente.

Temos que convir que há uma certa honestidade de alma, ou melhor, como que um germe de honestidade que, ao se esforçar para explodir em verdadeira beleza, faz brotar folhas de uma maneira tortuosa e disforme, no meio das asperezas dos vícios e dos espinhos das falsas opiniões.

No entanto, essas folhas brotam sempre e, apesar das sombras espessas que as cobrem, elas são percebidas pelo pequeno número daqueles a quem sua acuidade e atenção permitem distingui-las.

Daí essa hospitalidade; daí, nas refeições, muitas marcas de bondade; daí, a própria elegância, o brilho, o ar de extrema limpeza de todas as coisas e, de todas as partes, a polidez sob uma graça aparente.

Capítulo 07

Essa polidez é chamada comumente de filocalia. Não despreze esta palavra por causa do sentido que lhe dá a gente comum. A filocalia e a filosofia são quase a mesma palavra, querem parecer e são como que da mesma família. O que, afinal, é a filosofia? É o amor à sabedoria. E

a filocalia? É o amor à beleza. Pergunte aos gregos. Filosofia e filocalia são, portanto, totalmente irmãs e nascidas do mesmo pai.

Mas esta última, arrancada do céu pela cola das paixões e presa na caverna popular, guardou, no entanto, uma semelhança de nome, para avisar ao passarinheiro que ela é digna de alguma atenção. Sem asas, suja e pobre, ela é frequentemente reconhecida por sua irmã que voa em liberdade, mas raramente a liberta, pois só a filosofia sabe a origem da filocalia.

Toda esta fábula (pois me tornei subitamente um Esopo) será deliciosamente contada em versos por Licêncio; falta pouco para que ele seja um poeta perfeito.

Ah! Se aquele contra o qual você se bate, invés dessa falsa beleza que ainda o apaixona, pudesse voltar para a beleza verdadeira seus olhares purificados, com que prazer ele mergulharia no seio da filosofia! E se ele viesse a encontrar você lá, como ele o abraçaria como um verdadeiro irmão!

Isso talvez o espante e faça você rir. Como seria se eu lhe explicasse essas coisas como eu gostaria? Como seria se, não podendo ainda contemplar sua face, você ouvisse, pelo menos, a voz da própria filosofia? Assim, seu espanto seria grande, mas você não riria e não se desesperaria.

Acredite-me, não é necessário se preocupar com ninguém; particularmente com pessoas assim. Exemplos assim não são raros. Essa espécie de pássaro escapa facilmente e facilmente retorna, para grande surpresa dos muitos que permanecem presos.

Capítulo 08

Mas, voltemos a nós, Romaniano e filosofemos juntos. Seu filho já começa a filosofar. Eu modero seu zelo, para que, após inicialmente ter cultivado as ciências necessárias, ele prossiga mais vigoroso e com mais segurança. E, para não temer que você mesmo as ignore, só tenho que desejar-te, se o conheço bem, ventos que soprem a seu favor.

O que eu diria de sua natureza? Ah, se todas as pessoas fossem assim dotadas! Só há dois obstáculos, duas deficiências que impedem chegar ao conhecimento da verdade. Eu não os temo muito em você. Espero, no entanto, que você não se menospreze, que não se desespere ou que acredite tê-la encontrado.

Ora, se você tiver a primeira deficiência, talvez essa discussão a elimine. Você muitas vezes acusou os acadêmicos e com tanta autoridade quanto menos instruído você estava, mas também com mais vontade quanto mais seduzido você estava pelo amor à verdade.

Eu vou debater com Alípio __ que o apoiará __ e o convencerei facilmente do que eu quero. No entanto, na ordem das coisas prováveis,

pois você não verá a própria verdade, se você não entrar inteiro na filosofia.

Quanto ao outro obstáculo, que consiste em acreditar que você talvez já tenha encontrado alguma coisa, embora você nos tenha deixado já procurando e duvidando, se ainda restam alguns traços disso em seu espírito, eles desaparecerão, muito certamente; seja quando eu lhe tiver enviado uma conversa que tivemos sobre religião, seja quando eu conversar longamente com você mesmo.

Capítulo 09

Meu único cuidado neste momento é defender minha mente de toda opinião inútil e perigosa. Eu acredito então estar em uma situação melhor do que a sua.

Eu só te invejo em uma coisa: você está desfrutando sozinho do meu querido Luciliano. Estará você com ciúmes do atributo que lhe dei? Mas, ao chamá-lo de meu, eu também não estou dizendo que ele é teu e de todos aqueles com os quais somos um só? Assim, eu não preciso pedir-lhe para vir ajudá-lo. Peça você mesmo por mim, na medida em que você se considere estar obrigado a isso.

Mas agora eu digo aos dois: tomem cuidado ao acreditarem que vocês sabem alguma coisa, se vocês não aprenderam pelo menos da mesma forma como vocês sabem que um, dois, três e quatro, juntos

formam um total de dez. Tomem cuidado também ao acharem que vocês não conhecerão a verdade na filosofia ou que ela não pode jamais ser conhecida desta maneira. Acreditem em mim, ou melhor, acreditem Naquele que disse: *Buscai e achareis*[24]. Não é preciso se desesperar para chegar a esse sublime conhecimento e vocês verão que ele é mais evidente do que aquelas verdades numéricas.

Mas, vamos aos fatos, pois começo a achar, um pouco tarde, que este começo já ultrapassa a regra e isto não é de pouca importância. A regra é divina, sem nenhuma dúvida, mas ela engana quando guia muito mansamente. Serei mais prudente quando tiver me tornado um sábio.

PRIMEIRO DEBATE

Capítulo 10

Após o debate que relatamos no primeiro livro, passamos uns sete dias sem debater. Relemos lentamente os três livros de Virgílio, que se seguem ao primeiro e os estudamos como nos pareceu conveniente para aquele momento. No entanto, esse trabalho acendeu em Licêncio um ardor tal pela poesia, que achei necessário moderá-lo. Ele queria mais se ocupar com ela do que com qualquer outra coisa.

[24] Mateus 7: 7.

Enfim, para recomeçar portanto a tratar da questão dos acadêmicos que havíamos adiado, eu louvei da melhor forma que pude a luz da filosofia e ele retornou a ela com prazer.

Por acaso, o dia brilhava com uma intensidade tão pura, que parecia estar em relação com a serenidade que nossas almas precisavam. Deixamos então nossos leitos mais cedo do que de costume e tratamos com os camponeses o que urgia fazer.

Então, Alípio nos disse:

__ Antes que comece o debate sobre os acadêmicos, eu gostaria que me lessem o debate que tiveram __ como me disseram __ em minha ausência. Pois senão, já que o debate de hoje é uma continuação daquele, ficaria impossível eu não me enganar ao ouvi-los ou então me cansaria muito.

Após ter satisfeito seu pedido, vimos que a manhã já estava bem avançada e começamos a voltar do campo por onde caminhávamos e chegar à casa.

Disse então Licêncio:

__ Eu te peço que, antes do almoço, relembre em poucas palavras todo o sistema dos acadêmicos, para que nada me escape do que seja favorável à opinião que defenderei.

Eu respondi:

__ Eu concordo. Ainda mais para que você, preocupado com esta questão, não almoce direito.

Ele me respondeu:

__ Não conte muito com isso, pois eu já vi muita gente __ principalmente meu pai __ que nunca tinham mais apetite do que quando suas mentes estavam sobrecarregadas. E você mesmo não lembrou que, nem quando eu tenho minha cabeça cheia de poesia sua mesa está em segurança? Eu tenho mesmo o costume de me surpreender, quando penso nisso. Como pode que vivamente tenhamos mais necessidade de comida quando nossas mentes estão voltadas para outras coisas? E por que quando nossos dentes e nossas mãos estão tão ocupados, o espírito assume um império tão grande?

Eu lhe digo:

__ Escute então o que você pede sobre os acadêmicos. Eu temo que, se você continuar envolvido com essas métricas eu me veja sem métrica, não apenas para comer, como também para questionar. Afinal, se eu esconder alguma coisa para tornar melhor meu sistema, Alípio a exporá.

Diz Alípio:

__ Precisamos muito neste momento de sua boa-fé, pois, se é de se temer que você esconda alguma coisa, me parece muito difícil sur-

preender aquele que, como sabem todos aqueles que me conhecem, me ensinou todas essas coisas. Ainda mais que, nessa manifestação da verdade, você pede menos conselho à vitória do que ao seu próprio coração.

Capítulo 11

Agirei com toda boa-fé, eu disse, pois está em seu direito exigir isso.

De acordo com os acadêmicos, o ser humano só pode chegar ao conhecimento das coisas que tenham relação com a filosofia. Quanto às outras coisas, Carnéades se preocupava muito pouco com elas. No entanto, o ser humano pode ser sábio e sua obrigação __ como você, Licêncio, defendeu __ consiste em buscar a verdade. Daí ser necessário concluir que o filósofo não deve acreditar em nada, pois, se ele viesse a acreditar em coisas incertas, se enganaria necessariamente, o que é um crime para o filósofo.

Eles não somente diziam que todas as coisas eram incertas, mas afirmavam isso com a ajuda de muitas argumentações. Essa suposta impossibilidade de se atingir a verdade, eles parecem ter tirado de uma definição do estoico Zenão. Ele disse que somente se pode conhecer uma verdade quando o princípio que a gerou está tão impresso na mente que nenhuma outra coisa pode fazer tal impressão.

Ou seja, para falar mais breve e claramente, que o verdadeiro pode ser reconhecido pelas características que o falso não pode ter. Ora, os acadêmicos se dedicaram intensamente para estabelecer que isso não podia ser. Daí vieram, para a defesa dessa opinião, as discussões dos filósofos, os erros dos sentidos, os devaneios e as alucinações, os sofismas e os sorites.

Como eles aprenderam com Zenão que nada é mais vergonhoso do que se ater a opiniões incertas, eles estabeleceram o engenhoso princípio que diz que, já que não se pode conhecer nada e, por outro lado, é vergonhoso ficar na dúvida, o filósofo não deve acreditar em nada.

Capítulo 12

Foi isso que estimulou o ódio contra eles. Pois isso parecia dizer que aquele que não acredita em nada, nada devia fazer. Esses filósofos, ao dizerem que o filósofo não devia acreditar em nada, pareciam se mostrar como homens ociosos, preguiçosos e que abdicavam de todos os seus deveres.

Eles introduziram então um certo probabilismo que eles chamaram de verossimilhança e afirmaram que o filósofo de forma alguma abandonava seus deveres, já que eles tinham um princípio para dirigi-los e que a verdade, seja por causa de certas trevas da natureza, seja por causa de sua semelhança com os outros objetos, estava escondida e con-

fusa. Eles diziam que a atenção em suspender ou recusar seu consentimento era uma ocupação muito grande para o filósofo.

Parece-me, Alípio, que eu expliquei em poucas palavras, como você me pediu e que eu não me afastei em nada dos limites que você me prescreveu, ou seja, que eu agi com a mais completa boa-fé. Se houve alguma coisa que eu não disse, ou que tenha dito de forma diferente do que é, não foi minha intenção. A boa-fé consiste em falar segundo o pensamento.

Ora, parece que é necessário esclarecer a pessoa que está enganada e desafiar aquela que quer enganar. A primeira precisa de um bom mestre e a segunda, de um discípulo prudente.

Capítulo 13

Alípio diz então:

__ Sou agradecido por ter satisfeito o desejo de Licêncio e de ter me livrado do fardo que me foi imposto. Se para me testar __ e você não teria outro motivo __ você tivesse se omitido, você só teria a temer de mim a obrigação de assinalar isso. Consinta então em acrescentar o que ainda falta; não ao meu pedido, mas aos meus conhecimentos e a mostrar a diferença entre a antiga e a nova academia.

Eu lhe disse:

__ Agora te confesso que não sinto coragem para isso. Então, você me prestaria um favor se, enquanto repouso um pouco, você quisesse explicar esses termos e nos informasse sobre o que deu nascimento à nova academia, pois eu não posso negar que o que você pede não pertence muito à questão que tratamos.

Ele replicou:

__ Eu pensaria que você também gostaria de me impedir de almoçar, se eu não soubesse que Licêncio já o assustou e se ele não nos tivesse imposto a obrigação de esclarecer antes do almoço essas espécies de obscuridades.

Ele ia continuar, mas, como tínhamos entrado na casa, minha mãe nos apressou tanto que foi preciso nos colocarmos à mesa e interromper aí a conversa.

SEGUNDO DEBATE

Capítulo 14

Após termos almoçado bem, retornamos ao prado. Então, Alípio nos dirigiu a palavra e disse:

__ Farei o que você deseja. Não ousarei recusar. Se nada me escapa, é às suas lições e à fidelidade de minha memória que eu devo isso.

Se acontecer de eu me enganar em alguma coisa, você consertará e doravante não serei mais afligido com semelhante encargo.

O objetivo da nova academia foi menos, eu creio, se separar da antiga, do que se separar dos estoicos. E isso não deve ser considerado uma separação, pois era absolutamente necessário aprofundar e discutir a nova ideia exposta por Zenão. Pois, pode-se muito bem acreditar que a ideia sobre a impossibilidade de se conhecer a verdade, embora não provocando entre eles nenhuma disputa, permaneceu, no entanto, na mente dos antigos acadêmicos.

Facilmente se provaria essa ideia pela autoridade de Sócrates, de Platão e dos outros antigos filósofos que acreditavam poder evitar o erro ao não darem sua aprovação apressadamente. Jamais, no entanto, nem nas escolas e nem publicamente, eles cogitaram especialmente a questão de se saber se é era possível ou não conhecer a verdade.

Zenão trouxe essa novidade. Ele afirmou que só se podia conhecer o que era tão verdadeiro, que era fácil distingui-lo através de sinais que não podiam pertencer ao erro e, além disso, que o filósofo não podia se sujeitar a nenhuma opinião duvidosa.

Arcesilau, sabendo dessa ideia, negou que o ser humano pudesse algum dia encontrar algo semelhante e que a vida do filósofo deva ser exposta ao naufrágio das opiniões incertas. Ele conclui mesmo disso, que não se devia acreditar em nada.

Capítulo 15

Nesse estado de coisas, a antiga academia parecia mais fortalecida do que combatida. Surge então, na escola de Fílon, um certo Antíoco que, mais interessado na glória do que na verdade, na opinião de muitos, tornou odiosas as ideias das duas academias, pois ele quis que os novos acadêmicos se esforçassem para introduzir uma coisa extraordinária e contrária à opinião dos primeiros. Para isso ele implorou a autoridade dos antigos físicos e dos outros grandes filósofos, atacando os próprios acadêmicos, quando pretendiam se ater ao verossímil, quando diziam não conhecer o verdadeiro.

Ele reuniu um grande número de argumentos, cujos detalhes eu poupo vocês. Mas, o que ele defendeu com mais ardor foi que o filósofo podia conhecer a verdade. Foi essa, eu creio, toda a disputa entre os novos e os antigos acadêmicos.

Se não for assim, eu peço que instrua a fundo Licêncio. Eu peço por ele e por mim. Mas, se tudo é como eu disse, terminemos a discussão começada.

Capítulo 16

Eu peço a palavra e digo:

__ Por quanto tempo ainda, Licêncio, você ficará em silêncio? Falamos mais do que eu pretendia. Você entendeu o que são os acadêmicos?

Então, sorrindo com embaraço e um pouco desconcertado com minha interpelação, ele diz:

__ Eu me arrependo de ter sustentado, contra Trigécio, que a felicidade da vida está na busca da verdade. Com efeito, essa questão me perturba a um ponto tal que me é difícil não ser infeliz, pois, se você traz em você qualquer coisa de humano, eu devo parecer que reclamo. Mas, por que me atormentar sem razão? O que eu posso temer, se defendo uma causa tão justa? Só cederei então à verdade.

Eu lhe disse:

__ Leia novamente os acadêmicos. Eles te agradam?

Ele respondeu.

__ Sim, muito.

Eu disse:

__ Então você acha que eles estão com a verdade?

Ele ia concordar, mas se tornou mais prudente diante de um sorriso de Alípio. Ele hesitou um pouco e depois disse:

__ Repita esta questão.

Eu repeti:

__ Parece a você que os acadêmicos estejam com a verdade?

Ele ficou calado ainda por alguns instantes e depois disse:

__ Eu não sei se eles estão com a verdade, mas é provável, pois eu não vejo que caminho seguir.

Eu repliquei:

__ Você sabe que eles também chamam o provável de verossímil?

Ele respondeu:

__ Sim.

__ Eu te peço que preste um pouco mais de atenção. Se alguém, ao ver seu irmão, afirmasse que ele se parece com seu pai, que ele não conheceu, ele pareceria a você louco ou não?

Após um longo silêncio, ele respondeu:

__ Isso não me pareceria um absurdo.

Capítulo 17

Como eu começava a falar, ele disse:

__ Espere um pouco, eu te peço.

Depois, sorrindo, ele replica:

__ Diga-me, por favor, você se considera bem certo da vitória?

Eu lhe digo:

__ Sim, eu estou totalmente seguro. No entanto, não abandone com isso a posição que você defende. Sobretudo por que nós começamos juntos este debate, para exercitar sua mente e polir seu espírito.

Ele disse:

__ Leio os acadêmicos ou me instruo com todas as ciências que você mobilizou para me atacar?

__ Aqueles que primeiro sustentaram essa ideia também não os leram. Se te faltam a instrução e as ciências, sua mente não deve ser fraca a ponto de sucumbir sem resistência diante de algumas palavras minhas e diante de algumas questões. Eu já começo a temer que Alípio o substitua mais cedo do que eu gostaria. E, diante de um adversário assim, eu caminharei com menos segurança.

Ele disse:

__ Deus queira então que eu seja vencido logo, para ouvi-los e também vê-los debater. Nada poderia me ser mais prazeroso do que este espetáculo. Vocês gosta mais de recolher as palavras do que vertê-las, já que você registra o que escapa de sua boca e não deixa, como se diz, nada cair por terra. Será então também permitido a você ler. No entanto, quando diante dos olhos dos interlocutores, acontecer, não sei como, de

uma boa discussão não ser mais aproveitável, ela provoca na alma muito mais prazer.

Capítulo 18

Eu lhe digo:

__ Nós te agradecemos, mas as manifestações súbitas de alegria te obrigaram a declarar imprudentemente o que você pensava, quando você disse que nenhum espetáculo podia ser mais feliz para você. E o que seria então, se você visse seu pai, mais entusiasmado do que ninguém, mamar no seio da filosofia, após uma longa sede, buscar e discutir essas coisas conosco? Eu me sentiria então mais feliz do que nunca. E você, o que você pensaria e o que diria?

Licêncio deixou cair algumas lágrimas e, assim que pôde falar, elevou às mãos ao céu e disse:

__ Meu Deus! Quando eu verei isso? Mas, não há nada que não se possa esperar de ti.

Aqui, quase todos nós começamos a chorar e não pensamos mais em debater. E eu, lutando comigo mesmo e com muito custo me contendo, lhe disse:

__ Vamos, coragem! Retome suas forças, defensor futuro da academia. Há muito tempo venho te exortando a recolher o máximo possí-

vel. Não creio com isso que *você trema diante do som da trombeta*[25], ou que a inveja ao ver os outros combaterem o faça desejar ser colocado logo no meio dos prisioneiros.

Nesse momento, Trigécio, percebendo que nossos rostos tinham recobrado suficientemente a serenidade, disse:

__ Por que um homem tão santo assim não desejaria que Deus lhe concedesse essa graça antes mesmo que ele a pedisse? Acredite então Licêncio, pois, já que você não encontra nada para responder e parece mesmo desejar ser derrotado, você parece ter pouca confiança em sua causa.

Não pudemos evitar rir e Licêncio respondeu:

__ Fale você então, que sabe ser feliz sem encontrar e até mesmo sem procurar a verdade.

Capítulo 19

O bom humor de nossos jovens nos contagiou e eu disse a Licêncio:

__ Preste atenção à minha pergunta e retorne ao combate com mais firmeza e coragem, se for capaz.

---

[25] *Eneida*. Liv. II, v. 424.

Ele replicou:

__ Estou aqui com toda minha boa vontade. E se esse homem que vê meu irmão, soube, através de boatos, que ele se parece com meu pai, ele pode ser considerado um tolo ou um insensato por acreditar?

Eu digo:

__ Ele pode, pelo menos, ser chamado de tolo.

Ele replicou:

__ De forma alguma, em princípio. A menos que ele não sustente o que disse. Pois, se ele acha provável o que soube através dos boatos, não se pode acusá-lo de imprudente.

Eu digo:

__ Examinemos um pouco a coisa e coloquemo-la, por assim dizer, diante dos olhos. Suponhamos então que eu não saiba que quem nos falou esteja aqui presente; seu irmão chegou de algum lugar. Ele é filho de quem, pergunta esse homem. De um certo Romaniano, respondemos. E logo ele continua: Oh! Como ele se parece com o pai! Igualzinho como os boatos diziam! Com estas palavras, você e qualquer um outro lhe diria: Você conhece então Romaniano, meu bom homem? Não, ele responde. No entanto, eu acho que seu filho se parece muito com ele. Quem poderia então deixar de rir?

Diz Licêncio:

__ Ninguém.

Eu acrescentei:

__ Você vê, então, por fim, a consequência?

__ Eu já tinha percebido há muito tempo. No entanto, gostaria de ouvir você mesmo tirá-la, pois é preciso que você comece a alimentar o pássaro que você capturou.

Então, eu digo:

__ Como posso concluir então? A mesma evidência clama que é preciso igualmente rir dos seus acadêmicos, quando eles dizem que nesta vida, eles se limitam ao verossímil, quando não sabem o que é verdadeiro.

Capítulo 20

Diz então Trigécio:

__ A prudência dos acadêmicos me parece mesmo longe da estupidez do homem que você acaba de mostrar. Pois é com o raciocínio que os acadêmicos buscam o que eles chamam de verossímil, enquanto que seu imbecil se reporta ao boato, cuja autoridade é tudo o que há de mais desprezível.

Eu respondi:

__ Mas, não seria ainda pior se ele dissesse: Não conheço o pai desse rapaz. O boato não me diz o quanto ele lhe é semelhante. No entanto, eu acho que eles se parecem muito.

Ele responde:

__ Seguramente. Ele seria um tolo ainda maior. Mas, para que tudo isso?

Eu repliquei:

__ Isso é por que são igualmente tolos aqueles que dizem: Não conhecemos o verdadeiro, mas o que vemos é semelhante ao verdadeiro que nós não conhecemos.

Ele rebateu:

__ Eles dizem somente que isso é provável.

Eu respondi:

__ Como você pode falar isso? Você não concorda que eles dizem que isso é verossímil?

__ Eu gostaria de lhe dizer para excluir essa verossimilhança. Pois me pareceu que você errou ao incluir o boato em sua discussão, pois os acadêmicos não confiam nem mesmo nos olhos humanos e muito menos nos inumeráveis e monstruosos olhos do boato, como imaginaram os poetas. Eu, que defendo os acadêmicos, quem sou eu, enfim? É por

que nesta questão você inveja minha segurança? Eis Alípio que chega; que haja para nós, eu lhe peço, um pouco de descanso. Pensávamos há muito tempo que não era em vão que você temia sua chegada.

Capítulo 21

Então, após terem feito silêncio, os dois voltaram os olhos para Alípio e ele disse:

__ Eu gostaria, na medida de minhas forças, ser de alguma ajuda para sua causa, se sua sorte não me assustasse. Mas escaparei facilmente desse medo, se minha esperança não me engana. O que me consola é que esse adversário dos acadêmicos, após ter assumido o papel de Trigécio, já quase vencido, é provavelmente o vencedor, em sua opinião. O que eu mais temo é não poder evitar a crítica de ter falhado em minha função e ter assumido muito imprudentemente a de outro. Vocês não devem ter se esquecido de que eu assumi a função de juiz.

Diz Trigécio:

__ Há muita diferença entre uma e outra. Assim, nós te pedimos que consinta em se privar dela por algum tempo.

Ele respondeu:

__ Eu não me oponho. Eu temo que, ao querer evitar a imprudência ou a negligência, eu caia na armadilha do orgulho; o mais horrível

dos vícios. É o que me aconteceria, se eu quisesse manter a honrosa função que vocês me atribuíram, por mais tempo que vocês desejam.

Capítulo 22

Ele continuou, dirigindo-se a mim:

__ Então, eu gostaria, bom acusador dos acadêmicos, que você me mostrasse sua função, ou seja, quais são aqueles que você defende, ao atacar esses filósofos, pois temo que, ao refutar os acadêmicos, você queira provar que é um acadêmico.

Eu o adverti:

__ Você sabe muito bem que há dois tipos de acusadores. Se a modéstia de Cícero o fez dizer que ele só acusou Verres para defender os sicilianos[26], não se segue daí que quando se acusa alguém, necessariamente se tem o desejo de defender outro.

Ele replicou:

__ Você tem pelo menos algum princípio para balizar sua opinião?

Eu respondi:

---

[26] CÍCERO. *In Verrem*. Ato I.

__ É fácil responder esta questão e, sobretudo, por que ela não é nova para mim. Há muito tempo que penso em tudo isso e a burilo em minha mente.

Escute então Alípio, o que você já sabe perfeitamente, eu creio. Eu, de forma alguma, desejo discutir por discutir. Contentemo-nos em ter feito, com estes jovens, esses prelúdios, onde a filosofia, de alguma forma, esteve conosco de boa vontade. Longe de nós então os contos pueris! Trata-se aqui de nossa vida, dos costumes, do espírito. Ele espera que, para entrar com mais segurança no céu, ele será vencedor de todos os erros inimigos e que, após ter se apossado da verdade, que é como seu país natal, ele triunfará de suas paixões e reinará através da temperança, que se tornou para ele como que uma esposa.

Você me compreende? Vamos banir então do meio de nós, todas essas coisas. *É preciso forjar armas para o guerreiro valoroso*[27]. Não há nada que eu tenha desejado menos do que ver nascer entre aqueles que viveram longamente juntos e muitas vezes debateram entre eles, novos temas de contestação.

Então, para não confiar na memória __ infiel guardiã dos pensamentos __ eu quis registrar tudo o que nós muitas vezes examinamos

[27] VIRGÍLIO. *Eneida*, 8, 441.

juntos. Este também é um meio de ensinar estes jovens a se explicarem ao tentarem abordar essas questões e a tratá-las, por sua vez.

Capítulo 23

Você não sabe então que eu ainda não descobri nada de certo e que os raciocínios e as discussões dos acadêmicos me impedem de procurar a certeza?

Para empregar uma de suas expressões, eles colocaram, não sei como, em minha mente, essa probabilidade, dizendo que o ser humano não pode encontrar a verdade. Isso me tornou tão indolente e tão negligente que eu não ousei buscar o que não pude descobrir através de pessoas tão sábias e tão perspicazes. Assim, até que eu esteja tão fortemente convencido de que é possível encontrar a verdade __ coias que os acadêmicos afirmam que não somos capazes __ eu não ousarei procurar nada e não defenderei nada.

Isole então essa questão __ por favor __ e examinemo-la da melhor forma possível, se podemos encontrar a verdade. Ora, me parece que, para defender minha opinião, eu tenho numerosas razões a opor aos acadêmicos. Toda a diferença que há agora entre eles e eu, se reduz a isto: para eles, parece provável que não se pode encontrar a verdade; para mim, creio provável que se pode encontrá-la. Se eles não são sin-

ceros, a ignorância da verdade é particular a mim ou ela é comum a mim e eles.

Capítulo 24

Diz Alípio:

__ Agora, marcharei com segurança, pois vejo em você menos o acusador do que o defensor dos acadêmicos. Antes de irmos mais longe, evitemos, eu te peço, que no exame dessa questão, em que parece que eu sucedi aqueles que te precederam, não nos deixemos envolver em uma disputa de palavras, o que seria vergonhoso, como você muitas vezes nos fez ver segundo a autoridade de Cícero.

Com efeito, tendo Licêncio dito, se não me engano, que ele admitia a opinião dos acadêmicos sobre a probabilidade, você lhe perguntou em seguida __ e ele confirmou sem hesitar __ se ele sabia que os filósofos também chamavam a verossimilhança de probabilidade.

Ora, eu sei muito bem __ e sei através de você __ quais são os sentimentos dos acadêmicos e eu digo que os seus não são muito diferentes deles. Se então eles estão fortemente gravados em sua mente, como eu disse, eu não vejo por que você se prenderia às palavras.

Creia-me, eu disse, este grande debate não diz respeito a palavras, mas a coisas. Eu não vejo esses filósofos como pessoas que não souberam dar nomes às coisas, mas estou convencido de que eles escolheram

esses termos para esconder dos simplórios suas opiniões e para desenvolvê-las nas mentes mais atentas.

Explicarei como e por que isso me parece assim, após ter examinado primeiro o que se acredita ter sido dito por eles como ódio ao conhecimento humano. No entanto, estou encantado que hoje nosso debate tenha avançado até o ponto de mostrar suficiente e claramente do que se tratava entre nós.

Eles sempre me pareceram homens sábios e prudentes. Então, se debatermos daqui por diante, será contra aqueles que representaram os acadêmicos como inimigos da verdade. Não creio que eu vacile, pois, se eles defenderam sinceramente o que lemos em seus livros, se não foi para esconder sua verdadeira opinião e não expor imprudentemente às mentes corrompidas e profanas os mistérios sagrados da verdade, eu me armarei de boa vontade contra eles.

Eu faria isto agora, se o sol que se põe não nos apressasse para entrar. Por aqui ficamos hoje.

TERCEIRO DEBATE

Capítulo 25

No dia seguinte, embora o dia não fosse menos belo e nem menos calmo, com muito custo, no entanto, nos livramos de nossos afazeres

domésticos. Após ter empregado a maior parte do tempo a escrever cartas, só nos restavam duas horas quando fomos ao prado.

Mas a grande serenidade do céu nos convidava e pensamos que não devíamos perder o resto de um dia tão belo. Chegamos ao pé da árvore onde tínhamos o costume de nos reunir e ali nos sentamos.

Eu disse:

__ Rapazes, como não temos hoje o tempo para nos dedicarmos a um longo debate, gostaríamos que nos lembrássemos da maneira como ontem Alípio respondeu à questão que nos perturbava.

Licêncio então disse:

__ Não é difícil lembrar. É simples, julgue você mesmo. Ele não queria que se levantasse uma questão de palavras quando a coisa era incerta.

Eu repliquei:

__ Você prestou bem atenção, nessa restrição, em seu caráter e em sua força?

Ele respondeu:

__ Eu creio ver o que é, mas eu te peço que nos explique um pouco, pois eu muitas vezes ouvi dizer que é vergonhoso se envolver em disputas de palavras, quando se está de acordo sobre as coisas. Mas isso

é muito delicado para que se possa me pedir para que eu mesmo explique.

Capítulo 26

Eu digo:

__ Escute então o que é. Os acadêmicos chamam de provável ou verossímil o que pode nos convidar a agir sem que concordemos inteiramente com a coisa. Eu digo, sem nossa concordância, ou seja, sem que consideremos como verdadeiro o que fazemos __ ou que pensamos sabê-lo __ mas, mesmo assim, fazemos.

Por exemplo. Se na noite anterior, tão clara e tão límpida, alguém nos tivesse perguntado se o sol estaria hoje tão radiante, eu creio que teríamos respondido que não sabíamos. No entanto, nos parecia que seria assim. Assim são, dizem os acadêmicos, todas as coisas que eu acredito ter que chamar de prováveis ou verossímeis. Se alguém quiser dar outro nome, eu não me oponho.

Basta, com efeito, que você tenha compreendido o que eu quis dizer, ou seja, o tipo de coisas que assim classificamos. Não convém que o filósofo seja um forjador de palavras, mas um pesquisador de coisas[28].

---

[28] Cf. CÍCERO. *In Verrem*. Fragmento 33 t. A

Compreenderam como os jogos que divertiam vocês me foram úteis?

Os dois responderam que haviam compreendido e demonstraram em seus rostos que esperavam minha resposta.

Eu lhes disse:

__ O quê?! Pensaram que Cícero, de quem são estas palavras, ignorava tanto a língua a ponto de dar nomes impróprios às coisas que ele pensava?

Capítulo 27

Diz então Trigécio:

__ Agora que a questão está bem definida, não queremos mais buscar sutilezas inúteis sobre as palavras. Então, veja lá o que vai responder àquele que nos libertou e contra quem você nos lança novamente.

Diz Licêncio:

__ Pare, eu te peço. Eu não sei o que pode me esclarecer e me mostrar que você não deveria se deixar arrebatar por um argumento tão sólido.

Depois, após alguns instantes de silêncio e de profunda reflexão, ele disse:

__ Eu asseguro a vocês que nada me parece mais absurdo do que pretender se ater ao verossímil quando não se conhece o verdadeiro. Sua comparação não me perturba, pois, quando me perguntam se, de acordo com o estado atual do céu, haverá amanhã chuva, eu posso responder que isso é verossímil, pois não nego que conheço alguma coisa de verdadeiro.

Eu sei que esta árvore não pode, instantaneamente, se tornar uma árvore de prata e afirmo, sem leviandade, que conheço muitas outras coisas igualmente verdadeiras e que se parecem com o que eu chamo de verossímil.

Mas você, Carnéades, ou qualquer outra peste da Grécia __ e eu não poupo nosso latinos (por que eu hesitaria em tomar o partido daquele que me fez seu prisioneiro e a quem pertenço pelo direito de vitória) __ , como podem assegurar que não conhecem nenhuma verdade e, no entanto, considerar esta previsão como verossímil? Eu não pude classificá-la de outra forma. Como podemos entrar em disputa com uma pessoa que nem mesmo pode falar?

Capítulo 28

Replica Alípio:

__ Eu não temo os trânsfugas. Eles dão menos medo ainda a Carnéades, contra o qual, por uma imprudência juvenil, ou, no mínimo pue-

ril, você achou que devia lançar uma injúria, ao invés de um argumento. Para fortalecer sua opinião __ que sempre foi fundamentada no verossímil __ e para refutá-lo, bastaria dizê-la. Estamos tão longe de encontrar a verdade, que você mesmo pode ser uma demonstração conclusiva disso. A menor interrogação, com efeito, fez você subitamente mudar de posição e você não sabe mais onde vai parar.

Mas, vamos deixar para outra hora a consideração e o exame dessa ciência que você se vangloria de ter tocado a árvore. Pois, mesmo que você já tenha tomado outro partido, é preciso, no entanto, instruí-lo com cuidado sobre o que eu disse antes.

Não chegamos ainda, eu creio, na questão de saber se podemos encontrar a verdade, mas creio que, já no início de minha defesa, onde vi você derrubado e abatido, foi preciso examinar se devíamos chamar de verossímil, provável, ou qualquer outra coisa possível, o que os acadêmicos dizem que lhes basta. Se você considera já ter encontrado a verdade, pouco me importa no momento. Mas você me dirá mais tarde, sem dúvida, se você for agradecido por esta proteção que te dou.

Capítulo 29

Então, percebendo que Licêncio começava a temer o ataque de Alípio, eu disse:

__ Você achou melhor, Alípio, dizer um monte de coisas, do que nos ensinar como se deve debater com aqueles que não sabem falar.

E ele:

__ Há muito tempo, todo mundo sabe, como eu, que você é hábil no falar e você demonstra muito bem isso com sua profissão. Eu gostaria então que, primeiro você explicasse a utilidade da questão de Licêncio. Eu acho que ela é supérflua e ele mais supérfluo ainda para respondê-la. Ou então, se ela é útil e eu não pude respondê-la, eu desejo vivamente conseguir que você não recuse o papel de mestre.

Eu replico:

__ Você se lembra que eu prometi ontem que falaria mais tarde desses diferentes termos. Agora, o sol me avisa para recolocar na cesta os brinquedos que havia preparado para os meninos. Sobretudo por que eu quero, daqui por diante, expô-los mais como ornamento do que para venda. No momento, antes que nossa pena seja envolvida pelas trevas que comumente vêm em socorro dos acadêmicos, eu quero que entre nós estejamos bem fixados sobre a questão que deve nos ocupar amanhã quando despertarmos.

Responda-me então, eu te peço:

__ Você acredita que os acadêmicos tinham, sobre a verdade, alguma opinião correta e que eles não quiseram revelá-la imprudentemen-

te a pessoas que eles não conheciam ou cuja mente não lhes parecia suficientemente pura, ou sua opinião está conforme com o que eles sustentam em seus debates?

Capítulo 30

Alípio responde:

__ Não assegurarei imediatamente qual era seu pensamento, pois, se é possível avaliá-lo através de seus livros, você sabe melhor que eu quais os termos que eles costumavam empregar para expor sua opinião. Se você me perguntasse a minha opinião particular, eu diria que eles ainda não tinham descoberto a verdade. Acrescento __ e é isso que você quer saber dos acadêmicos __ que não creio que ela possa ser encontrada.

Esta não somente é minha opinião, mas a que confirma a autoridade dos maiores e melhores filósofos, aos quais somos obrigados a nos submeter, seja por causa da própria fraqueza de nossa mente, seja por causa de sua extrema penetração além do que podemos descobrir.

Eu lhe digo:

__ É isto justamente o que eu queria. Eu temia que, se fôssemos da mesma opinião, nosso debate ficaria incompleto e que, não estando aqui ninguém para assumir a posição contrária, a questão não fosse examinada tão cuidadosamente quanto poderíamos fazer.

Foi por isso que eu lhe pedi, neste caso, que tomasse a defesa dos acadêmicos, como se, sob seu ponto de vista, eles tivessem não apenas defendido, mas também pensado que a verdade não pode ser conhecida.

Trata-se de saber, entre nós, se, de acordo com seus raciocínios, se é provável que não se pode conhecer nada e que não se deve acreditar em nada. Se você provar isso, eu me declararei, de boa vontade, vencido. Mas, se eu puder mostrar que é muito mais provável que o filósofo pode chegar ao conhecimento da verdade e que há coisas que não se pode recusar a acreditar, nada, me parece, o impedirá de ter a minha opinião.

Sendo esta proposição conveniente a todos que estavam presentes, sob as sombras da noite, retornamos para casa.

Livro III

Dois debates. Examina-se primeiro se o filósofo precisa da riqueza ou se a riqueza pode ser um obstáculo a ele. O filósofo pode, no mínimo, conhecer a filosofia. Discute-se a famosa definição de Zenão e os dois princípios da academia: não se pode conhecer nada e não se deve acreditar em nada. Os acadêmicos provavelmente não tinham a opinião que se atribuem costumeiramente a eles.

PRIMEIRO DEBATE

Capítulo 01

Dois dias após a conversa descrita no livro anterior, como tínhamos ido nos sentar na sala de banhos, pois fazia muito mau tempo para descer até o gramado, eu comecei assim:

__ Penso que vocês já observaram suficientemente sobre o que recai a questão que resolvemos examinar entre nós. Mas, antes que a desenvolvamos, eu peço a vocês __ para que eu possa esclarecer melhor a questão __ que ouçam bem algumas palavras sobre a esperança, sobre a vida e sobre nossa condição: elas não nos afastam de nosso tema.

Isso não é, em minha opinião, um assunto pequeno e inútil, mas um tema necessário e de alta importância, tanto quanto procurar intensamente a verdade. É sobre isso que estamos de acordo, Alípio e eu.

Todos os outros filósofos acreditaram que aquele que eles chamam de sábio tinha encontrado a verdade e os acadêmicos afirmaram que seu sábio, o deles, devia fazer todos os esforços para chegar a ela e dedicar a essa busca todos os seus cuidados, mas que, como ela está escondida ou só se mostra confusamente, ele devia, para conduzir sua vida, seguir o que se oferecia a ele de provável ou de verossímil.

Este também foi o resultado de nossa discussão de ontem, pois, tendo um defendido que o ser humano se tornaria feliz ao encontrar a verdade e o outro que ele já o era apenas buscando-a cuidadosamente, nenhum de nós duvida de que nada deve se sobrepor a essa busca.

Como vocês acham então que passamos o dia de ontem, eu lhes pergunto? Vocês tiveram toda liberdade de se dedicarem aos estudos. Você, Trigécio, se divertiu lendo Virgílio. Licêncio se ocupou fazendo versos. O amor pela poesia está tão enraizado em sua mente que é sobretudo por ele que creio dever começar meu discurso, para que a filosofia (e já é tempo) tenha em seu coração a preferência que lhe é devida sobre a poesia e até mesmo sobre qualquer outra ciência que seja.

Capítulo 02

Mas, eu pergunto, vocês não lamentaram o fato de, após termos ido dormir com a resolução de nos levantarmos unicamente para reto-

marmos nossa questão, ontem ficamos tão mergulhados em assuntos domésticos que mal tivemos duas horas para nós, já no fim do dia?

É por isso que eu sempre fui da opinião de que a pessoa, uma vez filósofa, ela não precisa de mais nada, mas, para se tornar filósofa, a riqueza é muito necessária. Não sei se Alípio tem outra opinião.

Diz Alípio:

__ Ainda não sei bem o valor que você dá à riqueza. Se para desprezá-la, você acha que precisa dela, eu penso da mesma forma. Mas, se você só atribui à riqueza o papel de prover os bens do corpo, eu não posso pensar como você. Pois, apesar dela e de todos os seus inconvenientes, quem ainda não é filósofo, mas deseja sê-lo, pode fazer uso de tudo o que reconhecemos como necessário às nossas necessidades corporais. E mais, é preciso convir que ela comanda toda a existência do próprio filósofo, já que, qualquer que seja o filósofo, ele não pode evitar as necessidades de seu corpo.

Capítulo 03

Eu retomo:

__ Você diz então que a riqueza é necessária àquele que deseja a sabedoria, mas não ao sábio.

__ Não evite a questão repetindo o que eu já disse. Eu te pergunto então se você acredita que a riqueza pode ser de alguma ajuda para desprezar a própria riqueza. Se você acredita nisso, concluirei então que, aquele que deseja a sabedoria tem grande necessidade da riqueza.

Eu repliquei:

__ Eu acredito nisso, pois pode acontecer de o filósofo vir a desprezá-la e não há nada de absurdo nisso. É como o leite de nossa alimentação, que nos é necessário quando somos crianças e nos coloca em condições de passarmos sem ele e vivermos sem sua ajuda.

Ele diz:

__ Se nossas palavras expressam perfeitamente nossas ideias, me parece evidente que estamos de acordo. Talvez, no entanto, pudéssemos dizer que não é o leite e nem a riqueza, mas alguma outra coisa que nos faz desprezar o leite e a riqueza.

Eu replico:

__ Não é difícil fazer outra comparação. Da mesma forma como não se pode atravessar o mar sem um navio ou sem qualquer outro meio de transporte ou, enfim, (para não atrair a ira de Dédalo), sem algum aparelho adequado, ou sem algum poder misterioso e mesmo que se proponha somente a chegar e que, uma vez no porto, se esteja pronto para deixar e desprezar tudo o que serviu para a travessia, assim tam-

bém, quem desejar chegar ao porto feliz da sabedoria, a essa terra firme e tranquila, se, sem procurar mais longe, ele não pode fazê-lo, por que é surdo e cego e a visão e a audição são dons da sorte, eu concluo disso que, para chegar à sabedoria, a fortuna é necessária. Uma vez que se tenha chegado a ela, se ainda parece haver necessidade de certas coisas para manter a saúde, é certo, no entanto, que não se precisa mais dela para permanecer sábio, mas somente para viver no meio das pessoas.

Ele responde:

__ Pelo contrário, quem é surdo ou cego desprezará __ eu acho e com razão __ a sabedoria a adquirir e a própria vida, pela qual se busca a sabedoria.

Capítulo 04

Eu retomo:

__ No entanto, já que a vida que vivemos aqui embaixo está em poder da riqueza e que ninguém pode se tornar sábio se não estiver vivo, não temos que concordar que precisamos dos favores da riqueza para chegar até a sabedoria?

Ele diz:

__ Mas, como a sabedoria só é necessária aos vivos e sem a vida não há nenhuma necessidade de sabedoria, não temo que a sorte abrevie

a minha, pois, se eu quero a sabedoria é por que tenho a vida e eu não quero a vida por que desejo a sabedoria. Por isso, se a sorte me tirar a vida, não terei mais motivo para buscar a sabedoria. Assim, então, não há nada que me obrigue a adquirir a sabedoria, nem a temer as desgraças da sorte e nem a desejar seus favores; a menos que você tenha outras razões para me apresentar.

Eu lhe digo:

__ Você não acredita então que aquele que quer se tornar sábio possa ser impedido pela sorte, mesmo quando ela lhe tira a vida?

Ele respondeu:

__ Não acredito.

Capítulo 05

Eu digo:

__ Eu quero que você me explique um pouco qual é, em sua opinião, a diferença entre o sábio e o filósofo.

Ele respondeu:

__ A única, no meu ponto de vista, é que o sábio possui as coisas que o filósofo apenas deseja.

Eu acrescentei:

__ Quais são essas coisas? Pois, para mim, eu só vejo esta diferença: um conhece a sabedoria e o outro a deseja.

Ele replica:

__ Se você estabelece limites modestos a esse conhecimento, você expressa mesmo a coisa mais claramente.

Eu digo:

__ De qualquer maneira que o defina, todo mundo concorda que não pode haver aí um conhecimento de coisas falsas.

Ele rebate:

__ Eu achei que devia opor esta reticência por medo de que, com minha concordância imprudente, seu discurso não disparasse pelos campos da principal questão. De fato, você não me deixou espaço para correr. Pois, se não me engano, chegamos aqui ao objetivo que desejo há muito tempo.

Com efeito, segundo o que você disse com tanta perspicácia e verdade, não há nenhuma diferença entre o sábio e aquele que quer ser um, a não ser o fato de que este ama e aquele já tem a ciência, ou, segundo sua expressão, o hábito da sabedoria. Ora, aquele que não aprendeu nada não pode ter na mente nenhuma ciência. Além disso, aquele que não conhece nada, não aprendeu nada. E ninguém pode conhecer o

falso. Então, o sábio conhece a verdade, já que você mesmo reconheceu que há, na alma da ciência, a sabedoria.

Ele disse:

__ Não sei se seria muito ousado ao negar que reconheci no sábio um hábito da busca das coisas divinas e humanas. Mas, eu não vejo por que você não reconheceria nele o hábito das coisas prováveis que ele teria adquirido.

Eu lhe digo:

__ Você concorda que ninguém conhece o falso?

Ele respondeu:

__ Oh! Certamente.

__ Diga agora, se quiser, que o sábio não conhece a sabedoria.

Ele replica:

__ Por que você coloca tudo neste limite e quer fazer crer que ele não compreende a sabedoria?

Eu lhe digo:

__ Dê a mão à palmatória. Você deve se lembrar de que foi isto o que ontem eu prometi demonstrar e agora me alegro que, sem tirar a conclusão, você mesmo a tirou de bom grado. Esta é toda a diferença que eu havia assinalado entre os acadêmicos e eu: eles afirmavam que a

verdade não pode ser conhecida e eu acho que, mesmo que ainda não a tenha encontrado, o sábio pode descobri-la. Agora, pressionado a me responder à questão de saber se o sábio conhece a sabedoria, você diz que parece que ele a conhece.

Perguntou Alípio:

__ O que se conclui disso?

Eu digo:

__ Se lhe parece que ele conhece a sabedoria, não pode lhe parecer que ele não conhece nada. A menos que você afirme que a sabedoria não é nada.

Capítulo 06

Ele diz:

__ Na verdade, eu pensei que tínhamos chegado ao fim da discussão, mas quando, subitamente você me estendeu a mão, eu percebi que ainda não tínhamos chegado lá; longe disso. Ontem nos colocamos outra questão: saber se o filósofo pode chegar ao conhecimento da verdade. Você disse que sim e eu neguei. Eu creio que toda minha concordância com você hoje está em que pode parecer ao filósofo que a sabedoria adquirida por ele consiste unicamente no conhecimento das coisas

prováveis. No entanto, eu creio que nenhum de nós duvida que eu estabeleci essa sabedoria na busca das coisas divinas e humanas.

Eu lhe disse:

__ Não é embaralhando a questão que você se livrará dela. Parece que você só debate para se exercitar. Como você sabe muito bem que estes rapazes mal podem distinguir o que é dito aqui de sutil e engenhoso, você abusa da ignorância de nossos juízes e, com ninguém se opondo a que você prossiga, você poderá falar o que bem entender. Eu havia te perguntado um pouco antes se o sábio conhece a sabedoria e você respondeu que ele lhe parecia conhecê-la. Ora, acreditar que o sábio conhece a sabedoria não é, certamente, acreditar que o sábio não conhece nada. Isto é incontestável, a menos que se ouse dizer que a sabedoria não é nada. Segue-se daí que você, enfim, pensa como eu. Com efeito, me parece que o sábio conhece alguma coisa. Você acredita igualmente nisto, se não me engano, pois o sábio, segundo sua própria opinião, acredita conhecer a sabedoria.

Diz então Alípio:

__ Não creio que tenha mais desejo de me exercitar do que você. O que você diz me espanta, pois, neste ponto, você não precisa de exercício. Talvez eu ainda seja cego, mas me parece que há uma diferença entre achar que sabe e saber realmente; entre a filosofia, que consiste na

busca da verdade e a própria verdade. Você afirma o contrário do que eu defendo. Eu não sei então como somos da mesma opinião.

Eu lhe respondi então. Já nos chamavam para almoçar:

__ Não me desgosta que você resista assim, pois, ou bem nós dois não sabemos o que dizemos e então é preciso nos esforçarmos para eliminar essa vergonha ou então, pelo menos um de nós não sabe o que diz e, mesmo assim, não é menos vergonhoso permanecer nesta situação. Mas, à tarde retornaremos à carga, pois, no momento em que acreditava que tínhamos chegado ao término de nossa discussão, você me ataca com os punhos.

Com estas palavras, nos pusemos a rir e fomos andando.

SEGUNDO DEBATE

Capítulo 07

Quando retornamos, encontramos Licêncio. As águas de Hélicon não o tinham satisfeito e ele continuava ocupado com seus versos. Só pensando em bebê-la, ele se levantou no meio do almoço, quando estávamos a meia distância entre o início e o fim de nossa refeição.

Eu lhe disse:

__ Na verdade, eu desejo que um dia você domine completamente a poesia, objeto de todos os seus desejos. Não que o talento poético te-

nha qualquer encanto para mim, mas vejo você tão empenhado nisso que não há um desgosto que possa curá-lo. Essa cura, afinal, só acontece quando se atinge a perfeição. Além disso, como você canta bem, eu gosto mais, para meus ouvidos, seus versos do que os dos trágicos, por que você canta sem compreendê-los, como os passarinhos que vemos nas gaiolas. Vá então beber, se você quer assim e retorne à nossa escola, se você tem ainda alguma estima por Hortêncio e pela filosofia, à qual você deu tão suaves premissas em nossa primeira conversa e que, bem mais que a poesia, te inspirou tanto ardor pelo conhecimento das coisas grandes e realmente proveitosas. Mas, ao mesmo tempo em que te convido para os estudos que aprimoram a mente, eu temo que eles se tornem para você um labirinto e eu sinto que quase te irrito, com a impetuosidade desse movimento.

Ele corou e se foi para beber, pois tinha grande sede e, além disso, esta foi uma oportunidade de me evitar e se livrar de outras críticas mais severas, que eu talvez pudesse dirigir a ele.

Capítulo 08

Quando ele retornou e todos ficaram atentos, eu comecei assim:

__ Então, Alípio, é verdade que divergimos ainda sobre uma coisa que me parece tão clara?

Ele disse:

__ Não é de surpreender que o que te parece tão claro não o seja para mim, já que muitas coisas evidentes podem ser mais evidentes para outros e certas coisas obscuras podem parecer a outros mais obscuras ainda. Se tudo isso é realmente claro para você, outra pessoa, acredite-me, pode achá-lo ainda mais claro e o que parece obscuro para mim pode parecê-lo ainda mais para outro. Mas, para não ter por mais tempo aos seus olhos o aspecto de um competidor teimoso, esclareça um pouco mais o que te parece tão claro.

Eu lhe disse:

__ Esteja bem atento, eu te peço, e deixe de lado um pouco a vontade de me responder. Pois, se eu me conheço bem e se eu te conheço bem, será fácil tornar bem claro o que eu disse e um convencerá rapidamente o outro. Eu fiquei surdo ou você disse que o sábio acredita conhecer a sabedoria?

__ Continuo de acordo.

__ Deixemos então, por um instante, esse sábio. Você é esse sábio ou não?

Ele disse:

__ Eu estou bem longe de sê-lo.

Eu retomei:

__ No entanto, eu quero que você me diga sua opinião sobre o sábio dos acadêmicos. Parece a você que ele conhece a sabedoria?

Ele disse:

__ Você pergunta se ele acha que a conhece ou se ele a conhece realmente? E você acha que isso seja a mesma coisa ou não? Pois eu temo que essa confusão não serve de refúgio a nenhum de nós.

Capítulo 09

Eis, justamente, o que se chama de uma discussão toscana; ao invés de resolver a questão que é proposta, propõe-se outra objeção.

Nosso poeta (eu o cito para agradar um pouco os ouvidos de Licêncio) julgou, com muita razão, em suas *Bucólicas*, que é rústico e digno dos pastores, que um pergunte ao outro em que lugar o céu fica a apenas três côvados de distância e este responda: *Diga-me em que região se encontra escrito sobre as flores o nome dos reis*[29].

Eu te peço, Alípio; não creio que isso nos seja permitido na campanha. Estes banhos não devem nos lembrar um pouco os ginastas? Assim, responda, por favor, minha questão. Parece a você que o sábio dos acadêmicos conhecia a sabedoria?

---

[29] VIRGÍLIO. *Éclogas*, 3, 105-106.

Ele disse:

__ Para não nos distrairmos com um longo discurso; parece-me que ele achava que a conhecia.

Eu lhe disse:

__ Então, parece a você que ele não a conhecia. Eu não te perguntei o que o sábio achava que conhecia, mas se ele conhecia a sabedoria. Eu creio que você pode responder sim ou não a esta pergunta.

Ele disse:

__ Quem dera isso me fosse tão fácil quanto a você, ou que isso fosse tão difícil a você quanto é para mim. Você não seria tão incômodo e não esperaria nada de mim nesta questão. Pois, quando você me perguntou o que eu pensava do sábio dos acadêmicos, eu te respondi que me parecia que ele achava que conhecia a sabedoria. Eu temia afirmar imprudentemente que eu sabia ou dizer, não menos imprudentemente, que ele a conhecia.

Eu retomei.

__ Eu te peço, como uma grande graça, que, primeiramente, queira responder minha questão e não aquela que você dirige a você mesmo. Depois, que coloque de lado um pouco agora o objetivo que eu quero atingir e que, eu sei, não o preocupa menos do que aquele que você tem em vista. Se eu me engano nesta pergunta, passarei imediatamente para

o seu lado e a discussão será encerrada. Enfim, livre-se de, não sei qual preocupação que percebo em você e aplique-se com mais cuidado, para compreender facilmente quais respostas eu quero de você. Você disse que não responde nem sim e nem não __ o que eu te peço, no entanto, que o faça __; é por medo de dizer imprudentemente que você sabe o que você não sabe, como se eu tivesse te perguntado o que você sabe e não o que te parecia. Eis então como eu torno minha questão mais clara. Se, no entanto, ela pode ser mais clara ainda, parece a você __ sim ou não __ que o sábio conhece a sabedoria?

Ele disse:

__ Se for possível encontrar um sábio tal como eu imagino, pode ser que ele conheça a sabedoria.

Eu replico:

__ A razão te representa então um sábio que não ignora a sabedoria e isso é verdadeiro, pois isso não podia te parecer de outra forma.

Capítulo 10

Agora então eu lhe pergunto: é possível encontrar um sábio? Se for possível, ele pode conhecer a sabedoria e toda nossa questão está resolvida. Se você disser o contrário, que não é possível encontrá-lo, então não perguntaremos mais se o sábio conhece alguma coisa, mas se alguém pode ser sábio. Estando isto estabelecido, será preciso abando-

nar os acadêmicos e tratar com você esta questão, séria e prudentemente. Pois eles acreditavam, ou melhor, eles achavam, que era possível haver um sábio, mas que, no entanto, o ser humano não podia ter a ciência. Eles concluíram disso que o sábio não conhecia nada. Parece a você que ele conhecia a sabedoria, o que, certamente, não é conhecer nada. Além disso, concordamos em um ponto para o qual convergiram todos os antigos filósofos e os próprios acadêmicos; a saber: que ninguém pode conhecer o que é falso. Só te resta então afirmar que a sabedoria não é nada ou confessar que os acadêmicos nos pintam um sábio que a razão não consegue imaginar.

Capítulo 11

Deixemos de lado então todas essas sutilezas e pesquisemos se o ser humano é capaz de ter a sabedoria cuja ideia nos dá a razão, pois não podemos dar este nome a nenhuma outra.

Ele diz:

__ Mas, quando eu concordei com o que eu acredito ser o objetivo principal dos seus esforços, ou seja, que o sábio conhece a sabedoria e que nós sabemos, entre nós, das coisas que o sábio pode conhecer, não me pareceu, no entanto, que a opinião dos acadêmicos estivesse derrubada. Eu percebo daqui um refúgio de onde eles podem se defender e você ainda não rompeu inteiramente o fio que mantém seu consenti-

mento. Pois o que você critica na causa deles é talvez o que vai fazê-los triunfar. Eles dirão, efetivamente, que é tão verdadeiro que não se pode conhecer nada e que não se deve dar fé a nada, que o próprio princípio da impossibilidade de se conhecer qualquer coisa __ princípio que durante toda sua vida eles consideraram provável __ vem a ser, com suas conclusões, lhes tirado.

Seja por que então, como agora, seu raciocínio permanece invencível, ou por causa da fraqueza de meu espírito, ou por causa da própria força desse raciocínio, eles continuam inabaláveis em suas trincheiras, quando continuam a afirmar audaciosamente, até mesmo no presente, que não se pode dar fé a nada. Talvez algum dia algum deles, ou alguém mais, possa produzir sutis e prováveis argumentos contra este último princípio.

Talvez também se possa encontrar, como em um espelho, sua própria imagem, como se diz de Proteu, que ele só podia ser encontrado quando estivesse distraído e que aqueles que o procuravam jamais o encontrariam se não fossem ajudados por alguma divindade. Se então alguma divindade vier nos ajudar e se dignar a nos mostrar essa verdade, objeto de suas cuidadosas pesquisas, eu declararei os acadêmicos vencidos, mesmo contra sua própria vontade, o que não creio.

Capítulo 12

Eu disse:

__ Está bem. Eu nunca lhe pedi mais do que isso. Pois, veja, eu te peço, as numerosas e importantes vantagens para mim. Primeiro, os acadêmicos ficam tão acuados que eles só poderiam se defender pela impossibilidade. Com efeito, quem poderá algum dia compreender ou imaginar que o vencido encontra em sua própria derrota o que se vangloriar de ser vencedor? Além disso, se resta ainda um ponto a discutir com eles, não é que não se possa conhecer nada, mas que não se deve acreditar em nada.

Estamos, portanto, agora, de acordo, pois lhe parece, como também a mim, que o sábio conhece a sabedoria. Mas eles advertem, no entanto, que não se concorde com isso, pois, segundo o que eles dizem, somente parecemos conhecê-la, mas, de fato, não conhecemos nada, como se eu mesmo confessasse sabê-lo. Eu também digo, como eles, que isso me parece assim, pois, sou um insensato tanto quanto eles, se eles não conhecem a sabedoria.

Ora, eu creio que devemos pelo menos acreditar em alguma coisa: na verdade. Eu lhes pergunto então se eles concordam com isso, ou seja, se eles duvidam de que se deva dar crença à verdade. Eles não o dirão jamais e sustentarão somente que não se pode encontrá-la. Desta forma, sob este ponto de vista, eu estou com eles, já que ninguém nos

contesta e, por consequência, acreditamos que é preciso dar crença à verdade.

Mas, quem a mostrará? Eles perguntam. Sobre este ponto, não me darei ao trabalho de discutir com eles. Basta-me que não seja provável que o sábio não conheça nada. Não fosse assim, eles seriam obrigados a dizer este grande absurdo: ou que a sabedoria não é nada ou que o sábio não conhece nada.

Capítulo 13

Você nos disse, Alípio, quem é Aquele que pode nos mostrar a verdade. Eu devo trabalhar muito para não me afastar desta opinião. Você nos disse com tanto laconismo quanto piedade, que somente uma divindade pode nos mostrar a verdade. Isto foi, de toda nossa conversa, o que eu ouvi de mais agradável, de mais importante, de mais favorável e mesmo de mais verdadeiro. Que essa divindade, como confio, queira nos socorrer.

Com que grandeza de espírito e determinação de defender a verdadeira filosofia, você nos fez lembrar de Proteu! Não pensem, rapazes, que o filósofo deva desprezar os poetas e saibam que esse Proteu é a imagem da verdade. Sim, em seus versos, Proteu representa e desempenha o personagem da verdade, que ninguém pode obter, se, enganado por falsas imagens, vier a relaxar ou a romper os laços da inteligência.

Quando nós temos a verdade e ela está, por assim dizer, em nossas mãos, são essas imagens que, em nossas relações costumeiras com as coisas corpóreas, se esforçam para nos enganar e brincar conosco, por meio dos sentidos que utilizamos para as necessidades desta vida.

Eis então uma terceira vantagem que eu adquiri e cujo preço eu não posso estimar suficientemente. Meu muito íntimo amigo está de acordo comigo, não somente sobre o que é provável na vida humana, mas sobre a própria religião; o que é a prova mais evidente da verdade da amizade, pois a amizade foi justa e santamente definida como *um acordo benevolente e caridoso sobre as coisas humanas e divinas*[30].

Capítulo 14

No entanto, para que o pensamento dos acadêmicos não pareça disseminar certas nuvens e para que não possa parecer a algumas pessoas que nós resistimos orgulhosamente à autoridade dos mais sábios personagens e, sobretudo, à de Cícero, que, seguramente não nos deve ser indiferente, eu começarei, se você concordar, por refutar em poucas palavras aqueles que veem seu ensinamento como contrário à verdade. Em seguida mostrarei por que estou convencido de que os acadêmicos esconderam suas verdadeiras opiniões. Assim então, Alípio, embora

[30] CÍCERO. *Laelius, de Amicitia*, 6.20.

você pareça estar do meu lado, seja, no entanto, por mais algum tempo, seu advogado e responda-me.

Ele respondeu:

__ Como neste dia você não começou nada sem consultar os augúrios, não colocarei obstáculos para que você complete sua vitória e tentarei com mais segurança defender a causa, já que é você que me dá este encargo; contanto que, se lhe for conveniente, você queira reduzir a um discurso contínuo tudo o que teve a intenção de tratar através de interrogatório. Eu temo que, como punição por minha teimosia e uma vez em sua prisão, você me dilacere com pequenos disparos de dardos; o que, no entanto, repugna infinitamente sua humanidade.

Capítulo 15

Vendo que os rapazes assim o desejavam, eu lhe disse:

__ Obedecerei de bom grado. Se bem que, depois do cansaço na escola de retórica, eu contava descansar um pouco por detrás de um escudo mais leve, me propondo tratar deste assunto mais interrogando você do que falando eu mesmo. No entanto, sendo nossa reunião pouco numerosa, não serei obrigado a falar muito alto e minha saúde não sofrerá. Por outro lado, para me cansar menos ainda, eu quero que a pena conduza e regule meu discurso, para que eu não seja arrastado pela mi-

nha mente além do que pede o cuidado que devo ao meu corpo. Escute então minha opinião em um discurso corrido, como você me pediu.

Vejamos primeiro como os partidários dos acadêmicos tinham o costume de se vangloriar. Nos livros que Cícero escreveu para defendê-los, há uma passagem que me parece de uma maravilhosa urbanidade e que parece a outros de uma grande força. É muito difícil não ficar impressionado com o que é dito nela. Todas as escolas, após terem dado necessariamente ao seu filósofo o primeiro lugar, concordam em dar o segundo lugar ao filósofo da academia. Daí podemos, com toda a probabilidade, concluir que este é, justamente, o primeiro, de acordo com sua própria avaliação e que, na avaliação de todos os outros, é colocado em segundo.

Capítulo 16

Suponhamos, por exemplo, que um estoico esteja aqui presente, pois é particularmente contra eles que os acadêmicos são mais exaltados.

Se for perguntado a Zenão ou a Crísipo, qual é a pessoa mais sábia, eles dirão que é aquela cuja definição eles deram. Mas Epicuro __ ou qualquer outro adversário __ negará isso e afirmará que é o seu filósofo que sabe com mais habilidade se propiciar e desfrutar dos prazeres. Daí as disputas. Zenão clama __ e com ele todos os estoicos __ que o

ser humano não nasceu para outra coisa que não seja a honestidade; que, com seu esplendor, ela atrai para ela todos os corações, sem lhes propor nenhuma outra vantagem, além dela mesma e sem a isca de promessas vãs; que todos os prazeres exaltados por Epicuro só convém à tropa dele e que seria um crime querer obrigar o ser humano e o filósofo a viver nessa brutal sociedade.

Então, para se defender, Epicuro faz sair de seu jardim a tropa embriagada de seus luxuriosos discípulos que, mesmo no meio de suas volúpias, procuram seu inimigo para dilacerá-lo com suas garras perfurantes e seus dentes afiados. E, preconizando diante do populacho a volúpia, a mansidão e o descanso, ele defende com teimosia que só o prazer pode trazer a felicidade.

Que no meio de sua disputa apareça um acadêmico. Ele os escutará e verá que cada um deles se esforça para conquistar sua opinião. Mas, se ele tomar partido de um ou outro, aquele que ele abandonou o chamará de louco, ignorante ou imprudente. É por isso que, depois de ter escutado os dois lados, se lhe perguntarem qual é sua opinião, ele dirá que está na dúvida. Pergunte então ao estoico quem vale mais: o epicurista que o chama de insensato ou o acadêmico que acha que, em um ponto tão importante, há motivo para discussão. Ninguém duvide que ele dará preferência ao acadêmico.

Agora, volte-se para Epicuro e lhe pergunte o que ele prefere: Zenão, que o trata como um bruto ou Arcesilau, que lhe diz: "Talvez você tenha razão. Examinarei isso com mais cuidado". Não é evidente que Epicuro também considerará todos os discípulos do Pórtico[31] como extravagantes e os acadêmicos, em comparação, como gente muito sensata?

É desta forma que Cícero passa longamente em revista quase todas as seitas filosóficas e propicia aos seus leitores um espetáculo encantador, lhes mostrando que não há uma só escola que, após naturalmente se considerar em primeiro lugar, não considere em segundo aquela que não lhe faz oposição e que apenas duvida. Eu não os contradirei e evitarei desejar retirar de cada um deles sua glória.

Capítulo 17

Acreditem se quiser, Cícero não quis apenas se divertir, mas seguir e recolher coisas frívolas e vazias, à maneira dos gregos, cuja superficialidade ele detestava. Quem me impede, se eu quiser, de fazer justiça a essa futilidade e mostrar o quanto a indocilidade é um mal maior do que a ignorância?

---

[31] Do grego *stoa*. De onde vem a palavra estoicismo. (Nota do tradutor para o português)

O resultado disso é que esse acadêmico, após ter se oferecido a cada um deles como discípulo, sem que cada um deles tenha conseguido convencê-lo de seu sistema, eles se reuniriam todos e juntos zombariam dele. Pois, ao julgar que nenhum de seus adversários aprendeu nada, ele acharia que este também não pode aprender nada, de sorte que, por fim, eles o afastariam de qualquer escola. Não a golpes de varas, o que seria mais vergonhoso para eles do que para ele, mas com porretes e bastões escondidos sob o casaco.

Não seria, com efeito, coisa muito difícil, pedir aos cínicos, bem como a outros Hércules, sua ajuda e suas armas para exterminar essa peste pública.

Se por uma glória bem ilusória, me for permitido combatê-los, não sendo ainda um sábio, mas trabalhando para sê-lo, o que eles poderão alegar para refutar-me?

Suponhamos que esse acadêmico e eu nos joguemos no meio dessas disputas filosóficas. Que todos que ali se encontram exponham em poucas palavras e instantes seus sistemas. Que se pergunte a Carnéades o que ele pensa. Ele responderá que está na dúvida, cada um o preferirá aos outras e todos o preferirão a todos. Que glória imensa!

E quem não gostaria de fazer como ele? Se me perguntarem e eu responder a mesma coisa: a mim, a mesma glória. O sábio desfrutará, portanto, de uma glória na qual um imbecil se torna seu igual. O que

será se ele até mesmo o supera facilmente? A vergonha não fará nada? Eu prenderei o acadêmico quando ele se afastar do tribunal.

A estupidez é muito ávida de uma vitória deste gênero. Tendo-o aprisionado, revelarei aos juízes o que eles ignoram e lhes direi: "Excelentíssimos senhores! Tenho em comum com este homem o fato de que ele não sabe quem, dentre os senhores, está no caminho da verdade. Mas temos também opiniões particulares sobre as quais peço seu pronunciamento. Eu, pelo que entendi de seu sistema, não sei onde está a verdade. Isso acontece por que não sei quem, dentre os senhores, é o sábio. Mas este homem afirma que o próprio sábio não conhece nada; nem mesmo a sabedoria, que deu ao sábio seu nome. Pois quem não sabe quem merece os louros? Pois, se meu adversário concordar com isso, eu o ultrapassarei na glória. Se a vergonha o fizer confessar que o sábio conhece a sabedoria, minha opinião vencerá a dele".

Capítulo 18

Mas, vamos nos distanciar desse tumultuado tribunal e nos retirar para um lugar onde a multidão não vai nos incomodar. Queira Deus que possa ser na escola de Platão; assim chamada, dizem, por que havia se afastado do povo. Lá, o tanto que pudermos, discorreremos, não sobre a glória, inútil e pueril objeto, mas sobre a própria vida e sobre a esperança da alma feliz.

Os acadêmicos afirmam que não se pode conhecer nada. E por que isso, gente tão sábia e tão profunda? Porque, eles dizem, a definição de Zenão nos determina isso.

Por que isso, eu insisto? Pois, se ela é verdadeira, quem a conhece, conhece alguma coisa de verdadeiro. Se ela é falsa, ela não devia abalar pessoas tão firmes.

Mas, vejamos o que disse Zenão. Pareceu a ele que só se podia conhecer e compreender o que não tivesse um mínimo traço de falsidade. É isso então, grande platônico, o que te move, a ponto de empregar todos os seus esforços para arrancar das pessoas estudiosas a esperança de aprender, para provocar nelas um deplorável entorpecimento do espírito e fazê-las desertar inteiramente da obrigação de buscar a sabedoria?

Capítulo 19

Mas, como essa definição não o abalaria, se não podemos encontrar nada que não tenha nenhum traço de falsidade e se nada igual pode ser provado, nada então pode ser conhecido? Se isso é assim, mais vale dizer que o ser humano é incapaz de obter a sabedoria, do que dizer que o sábio não sabe por que ele vive, não sabe como ele vive, não sabe se ele vive. Dizer, enfim __ o que é o cúmulo da perversidade, do delírio e da loucura __ que o ser humano é sábio, mas, ao mesmo tempo, ele ignora a sabedoria.

O que é mais difícil de conceber: que o ser humano não pode ser sábio ou que o sábio não conhece a sabedoria? Por fim, não há necessidade de discutir, se a questão assim colocada não pode ser resolvida.

Mas, talvez se falássemos muito claramente, as pessoas se afastariam totalmente do amor à sabedoria. Invés disso, agora é preciso conduzi-los à sabedoria, sob o atrativo deste nome tão belo e tão santo, a fim de que, sem dúvida, após terem passado seus mais belos anos sem aprender nada, eles te sobrecarreguem com mil imprecações, por terem renunciado aos prazeres dos sentidos e só terem encontrado os tormentos do coração.

Capítulo 20

Mas, vejamos quem mais os afasta da filosofia.

Seria aquele que falasse nestes termos: “Escute, meu amigo. A filosofia não é a própria sabedoria; ela é somente seu estudo. Se você se dedicar a ela, você não se tornará perfeitamente sábio nesta vida. Mas quando, através de um estudo assim, você estiver suficientemente preparado e purificado, seu espírito, após esta vida, ou seja, quando você tiver deixado de ser humano, desfrutará dela facilmente”?

Ou seria aquele que falasse assim: “Venham, mortais, à filosofia. Ela apresenta agora grandes vantagens. O que há de mais caro ao ser

humano do que a sabedoria? Venham então se tornarem sábios e ignorarem a sabedoria”?

Eu não falo assim, diz o platônico; isso é enganação, pois não há nada a encontrar em você. Se você fala assim, fugiremos de você como a um insensato e se você fala de outra forma, você só fará loucos.

Mas, admitamos que tanto uma como a outra opinião afastaria igualmente as pessoas da sabedoria. E se a definição de Zenão o obrigou a dizer uma coisa tão perigosa para a filosofia, isso foi por pena de você ou para zombar de você, meu amigo?

Capítulo 21

No entanto, por mais insensatos que sejamos, examinemos da melhor forma a definição de Zenão. Segundo ele, parece que se pode conhecer o que parece tão verdadeiro que não pode parecer falso. É claro que nenhuma outra coisa pode ser conhecida.

Diz Arcesilau:

__ Esta também é minha opinião e eu concluo disto que não se pode conhecer nada, pois não se pode encontrar nada de semelhante.

__ Sim. Você e talvez outros tolos como você. Mas, por que o verdadeiro filósofo não o poderia? Eu creio mesmo que você não teria nada a responder ao insensato que te dissesse para empregar essa sutile-

za tão decantada do seu espírito, para refutar a definição de Zenão e para mostrar que ela também pode ser falsa. Se você não pode fazê-lo, está aí uma verdade que é possível conhecer. E se você a refutar, nada o impedirá de conhecer qualquer coisa. Quanto a mim, eu não vejo como se possa refutá-la e a tenho como verdadeira. Desta forma, como eu a conheço, por mais insensato que eu seja, eu conheço alguma coisa. Derrube-a, se puder, com sua sutileza. Empregarei um dilema muito certeiro: ou ela é verdadeira ou ela é falsa. Se ela é verdadeira, eu tenho então a verdade. Se ela é falsa, podemos conhecer coisas que possuem características comuns com o falso.

Ele retoma:

__ Mas, como isso é possível? Zenão então criou uma definição verdadeira e quem pensar como ele, sobre este ponto, não está no erro. Consideramos como de pouco mérito e sinceridade uma definição que se mostrou __ contra aqueles que se preparavam para combater bastante a possibilidade de conhecer __ ela mesma revestida das características do que, segundo ela, pode ser conhecido? Ela é então, para as coisas que se pode compreender, uma definição e um exemplo.

Acrescenta o platônico:

__ Eu não sei se ela é verdadeira, mas, como é provável, mostrarei, seguindo-a, que não há nada de semelhante ao que ela diz que se pode conhecer.

__ Você a mostra, talvez, fora dela e você sabe, presumo, a consequência. Se não estamos seguros dela, nem por isso estamos privados de todo conhecimento, pois conhecemos que ela é verdadeira ou falsa; portanto, conhecemos alguma coisa. Embora ela não possa jamais me tornar um ingrato, eu tenho como muito verdadeira essa definição. Pois, ou a falsidade pode ser objeto do conhecimento, o que amedrontava terrivelmente os acadêmicos e que, com efeito, seria absurdo, ou não se pode conhecer o que é semelhante ao falso. Então é preciso concluir que esta definição é verdadeira.

Mas, examinemos agora o resto.

Capítulo 22

Embora isto, se não me engano, possa bastar para fazer um vencedor, talvez não seja, no entanto, suficiente para completar a vitória. Os acadêmicos tinham dois axiomas que nós resolvemos combater, na medida em que pudéssemos: *Não se pode conhecer nada* e *não se deve concordar com nada*. Em breve e em outra ocasião falaremos da aprovação. Digamos agora algumas palavras sobre o conhecimento.

Você então diz que não se pode conhecer nada? Com estas palavras Carnéades desperta __ pois ele foi o que, de todos, o que menos profundamente dormiu __ e estuda a evidência das coisas.

Eu me imagino então falando com ele, como se faz geralmente:

__ Então, Carnéades, você vai me dizer que não sabe se é uma pessoa ou uma formiga? Ou vai se deixar vencer por Crísipo? Digamos que ignoramos as questões que agitam os filósofos e que o resto de nós não vê. Desta maneira, se eu dou um mau passo com a luz que ilumina o vulgo diariamente, eu ficarei preso nas trevas dos ignorantes, onde apenas olhos divinos podem enxergar. Aliás, se esses olhos me veem cambalear e cair, eles não poderão fazer os cegos observarem; sobretudo os orgulhosos, que têm vergonha de aprender qualquer coisa.

Oh, habilidade dos gregos! Você avança magnificamente, toda ajustada e toda pronta! Mas você não vê que essa definição é a obra de um filósofo e que ela está estabelecida no próprio vestíbulo da filosofia. Se você tentar abatê-la, o machado se voltará contra você. Pois, após tê-la balançado uma vez, se você não tem a coragem de derrubá-la inteiramente, seguir-se-á daí que se pode conhecer, não apenas alguma coisa, mas até mesmo o que mais parece falsidade. Esta é a retirada de onde você contra-ataca e se lança com violência contra os imprudentes que querem passar. Mas algum novo Hércules virá te sufocar em sua caverna. Um novo monstro, um novo Caco que te cobrirá com suas ruínas, ensinando que há na filosofia alguma coisa de semelhante ao falso e que não poderia, com você, se tornar incerto.

Seguramente eu recorreria a outras coisas. Aquele que se apressa para te fazer uma grande injúria, Carnéades, acredita __ por que você

está morto __ que eu posso te vencer em toda parte e de qualquer lado que eu realize o ataque. Se ele não acredita nisto, ele não tem forças para me obrigar a sair de minha posição e lutar em campo aberto com você.

Eu ainda só descia pelo terreno, quando, assustado somente com seu nome, recuei e, de um lugar elevado, lancei não sei que dardo. Esse dardo chegou até você? Que efeito ele produziu? Que decidam aqueles que nos veem combater.

Mas, do que eu tenho medo, insensato que sou? Se me lembro bem, você está morto e Alípio nem mesmo tem direito de combater pelo seu sepulcro. Deus facilmente me ajudará contra sua sombra.

Capítulo 23

Você diz que na filosofia não há nada que se possa conhecer e, para dar mais extensão aos seus discursos, você se apodera das querelas e das dissidências dos filósofos e pensa em se servir delas como armas contra eles.

Qual é o meio, afinal, de decidir entre Demócrito e os antigos físicos, sobre a questão de saber se há um só mundo e sobre outras inumeráveis questões, já que nem mesmo Demócrito pôde se entender com Epicuro, seu herdeiro. Pois, quando esse voluptuoso personagem não permitiu aos átomos __ como a uma multidão infinita de pequenos ser-

vidores, ou seja, a todos os pequenos corpos que ele abraça com tanto prazer nas trevas __ que ficassem em seu caminho e invadissem, em sua fantasia, o território dos outros, ele não podia deixar de dissipar seu patrimônio em litígio.

Mas isso não me interessa em nada, sem dúvida. Se pertence à filosofia saber alguma coisa, o filósofo não pode ignorá-lo. Isso não pode ficar escondido ao filósofo. Mas, se a filosofia é outra coisa, o filósofo a conhece e despreza o resto.

Quanto a mim, que estou ainda bem longe da sabedoria, eu conheço um pouco essas matérias da física. Estou certo, todavia, ou que há um só mundo ou que não há somente um. Se existirem vários, o número é finito ou infinito. Como Carnéades fará para mostrar que esta ideia parece uma falsidade?

Eu sei também que este mundo que habitamos é assim disposto pela própria natureza dos corpos ou por alguma providência; que ele sempre foi e sempre será; ou que ele teve um começo e não terá um fim; ou que, não tendo começado com o tempo, ele acabará com o tempo; ou que, tendo tido um começo, terá também um fim. Eu tenho incontáveis conhecimentos físicos deste tipo, pois as verdades são verdadeiros dilemas e ninguém pode confundi-las com alguma semelhança com a falsidade.

Adote uma opinião, diz o acadêmico. Eu não quero fazer isso, pois seria dizer: “Abandone o que você sabe e adote o que não sabe”. Desta maneira sua opinião fica em suspenso? Mais vale ela ficar em suspenso do que deixá-la cair, pois ela é clara e se pode dizer, sem se enganar, qual é verdadeira e qual é falsa. Isso eu não me vanglorio de saber.

Você, que não pode negar que essas questões pertencem à filosofia e que não se pode ter nenhum conhecimento, mostre-me que eu não sei. Diga que esses dilemas são falsos ou que eles têm com o falso alguma coisa de comum que impede que se possa proceder a um justo discernimento.

Capítulo 24

Diz Carnéades:

__ De onde você sabe que o mundo existe, se os sentidos são enganados?

Eu replico:

__ Nunca seus argumentos foram suficientemente poderosos para arrebatar dos sentidos sua força e para nos convencer de que nada somos. Você nem mesmo tentou provar isso. Mas você se aplicou em nos provar que as coisas podem ser diferentes do que vemos. Assim, este universo, qualquer que seja ele, que nos rodeia e nos alimenta, que apa-

rece aos meus olhos e me parece que compreende a terra e o céu ou que parece a terra e parece o céu, eu o chamo de mundo. Se você diz que nada se revela para mim, eu não me enganarei jamais, pois estar no erro é acreditar imprudentemente no que se revela. Você diz que os sentidos podem se enganar ao ver; você não diz que não se vê nada. Em toda parte onde você quiser reinar, não haverá pretexto para discussão, se não apenas não conhecemos nada, como também se nada se revela para nós. Mas, se você nega que o que eu vejo seja o mundo, você cria uma disputa de palavras, pois eu disse que eu chamo isso de mundo.

Capítulo 25

E mesmo quando você dorme, diria você, o mundo é o que você vê? Eu já disse, tudo o que me parece assim, eu chamo de mundo. Se você quer dar o nome de mundo somente àquilo que é visto pelas pessoas despertas ou que tenham um julgamento são, defenda se puder, que aqueles que dormem ou que alucinam não dormem e não estão alucinando no mundo. Eu digo então que essa massa imensa de corpos, que essa máquina onde nos encontramos adormecidos ou alucinando, despertos ou sãos de espírito, é uma massa única ou não é única. Ensina-me como esta proposição pode ser falsa.

Se eu estivesse dormindo, pode ser que eu não tivesse dito nada. Se palavras escaparam de minha boca enquanto eu dormia, como às

vezes acontece, pode ser que eu não as tenha dito aqui, estando sentado desta maneira e diante destes mesmos ouvintes, mas não pode ser que eu não as tenha dito.

Eu não pretendo também saber se estou desperto, pois você pode dizer que eu posso também ter me imaginado dormindo, de sorte que isto pareceria muito com uma falsidade. Mas, se há um mundo mais seis mundos, de qualquer maneira que eu esteja, é claro que há sete mundos e eu não afirmo imprudentemente que eu sei isso.

Mostre-me então que esta conclusão ou que as questões discutidas podem ser falsas por causa do sono, da alucinação ou por causa da ilusão dos sentidos. Então, se quando estiver bem desperto, eu me lembrar delas, concordarei que estou vencido. Pois creio estar suficientemente provado que as coisas que parecem falsas por causa do sono ou da loucura só têm relação com os sentidos exteriores. Pois, mesmo se o gênero humano estivesse profundamente adormecido, seria necessariamente verdadeiro que três vezes três são nove e o quadrado de números naturais.

Poder-se-ia, na minha opinião, acrescentar em favor dos sentidos outros argumentos que jamais foram condenados pelos acadêmicos. É preciso, todavia, se prender aos sentidos, se pessoas em delírio são atormentadas por divagações do espírito ou se em sonho vemos tantas imagens? Pois, se é possível mostrar a verdade às pessoas sãs e desper-

tas, elas não são responsáveis por todas as fantasias que uma mente pode criar no sono ou na loucura.

Capítulo 26

Resta examinar se o que eles nos mostram é verdadeiro. Vamos supor que um epicurista nos diga:

__ Eu não tenho que me queixar dos sentidos, pois seria uma injustiça exigir deles mais do que eles podem dar. E tudo o que os olhos podem ver é verdadeiro.

__ Se eles veem um remo na água, isto é, portanto, verdadeiro?

__ Certamente, pois, supondo a causa que me faz ver o remo tal qual eu o vejo; se o remo afundado aparecesse reto, eu censuraria imediatamente meus olhos por me fazer um falso relato. Afinal, eles não veriam então o que deveriam ver, de acordo com as causas existentes. São necessários outros exemplos? Podemos falar das tantas torres que parecem se mover, das asas dos pássaros e uma infinidade de outros objetos.

No entanto, eu me engano ao dar minha aprovação. Que sua aprovação não vá além da convicção de como a coisa te parece e você não será enganado. Eu não sei como um acadêmico pode refutar uma pessoa que diz: __ Eu sei que isto me parece branco; eu sei que este som agra-

da os meus ouvidos; que isto para mim cheira bem; que isto tem para mim um gosto delicioso; que isto, enfim, está frio para mim.

__ Diga então se as folhas das oliveiras selvagens, que os bodes tanto amam, se elas são amargas para eles.

__ Ó sujeito teimoso! O próprio bode não é um animal mais esperto? Eu não sei que gosto tem essas folhas para os animais. Para mim elas são amargas. Mais alguma pergunta?

__ Talvez aja alguma pessoa que não as ache amargas.

__ Você quer me irritar? Por acaso eu disse que elas são amargas para todo mundo? Eu disse que elas eram amargas para mim. Eu também não disse que elas sejam assim sempre, pois o que pareceu amargo uma vez não pode parecer doce uma outra vez? Eu digo somente que quando uma pessoa gosta de alguma coisa, ela pode jurar de boa-fé que para ela isso é amargo ou doce e não há em toda a Grécia uma sutileza que possa lhe retirar esse conhecimento.

Quem pode, todavia, ser suficientemente ousado para me dizer, quando eu degusto alguma coisa com prazer:

__ Talvez você não esteja degustando nada; isto é apenas um sonho?

__ Eu não digo o contrário. No entanto, eu experimentaria esse prazer mesmo em sonho. Assim, não há semelhança com a falsidade que possa refutar o fato que eu declaro conhecer.

Os epicuristas ou os cirenaicos poderão ainda fornecer, em favor dos sentidos, outra razões, contra as quais eu não sei se os acadêmicos algum dia disseram alguma coisa. Mas, que me importa? Que eles refutem, se quiserem ou puderem, o que eu acabo de dizer. Eu lhes permito de boa vontade. Pois, nem tudo o que eles dizem contra os sentidos ataca todos os filósofos.

Há, com efeito, quem professe que tudo o que a mente percebe através dos sentidos pode muito bem produzir alguma verossimilhança, mas não a ciência. A ciência está, propriamente, encerrada na inteligência e vive afastada dos sentidos, na própria mente. Talvez o sábio que procuramos seja um desses filósofos. Mas falaremos disso em uma outra hora.

Passemos agora ao que nos resta explicar. O que faremos, se não me engano, em poucas palavras, depois do que nós já dissemos.

Capítulo 27

Em que os sentidos do corpo ajudam ou prejudicam aquele que se ocupa com a moral? Se até mesmo aqueles que colocam o soberano bem do ser humano na volúpia pouco se perturbam com o pescoço da

pomba, uma voz desconhecida, um peso grande para o ser humano e leve para os camelos, se eles não precisam disso para saberem que o que lhes agrada lhes agrada, o que os choca os choca, eu não vejo o que podemos lhe responder. As coisas tocarão aquele que coloca na mente o fim pelo qual se deve fazer o bem? Qual das duas opiniões você prefere?

__ Se você me pergunta o que eu penso, eu penso que o soberano bem do ser humano está na mente[32]. Mas agora se trata do conhecimento. Interrogue então o sábio, que não pode ignorar a sabedoria. Um estúpido como eu, um ignorante como este, acredita, no entanto, saber que o soberano bem do ser humano, no qual consiste a vida feliz, se é que ele existe, está na alma, no corpo ou em ambos. Convença-me, se puder, que eu não sei isso. A força de seu raciocínio, tão conhecida, ainda não o fez. Se você não puder fazê-lo, pois você não encontrará aí nenhuma semelhança com o falso, não hesitarei em concluir que o sábio conhece tudo o que há de verdadeiro na filosofia, já que eu adquiri aí muitos conhecimentos verdadeiros.

[32] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. I, seção 4. *Eu teria dito, com mais verdade, "em Deus"*.

Capítulo 28

Mas talvez ele tema escolher o soberano bem quando estiver dormindo. Não tem perigo; quando ele acordar, se ele quiser, ele o abandonará ou o manterá, se for de seu agrado. Pois, quem poderá reclamar por ter visto, ao dormir, alguma coisa falsa?

Talvez ainda se tema que, ao dormir, ele perca a sabedoria, ao tomar o falso pelo verdadeiro? Mas, quem é que, mesmo dormindo, poderia pensar que se pode chamar de sábia uma pessoa desperta e negar isso, quando ela estiver dormindo? Pode-se aplicar isso às pessoas loucas.

Mas, temos que passar a outras considerações. No entanto, eu não quero deixar isso sem uma conclusão sólida. De fato, ou a sabedoria se perde com a loucura e esse sábio que você diz que não conhece o verdadeiro, não será mais sábio ou você há de convir que o conhecimento se conserva sempre na inteligência, mesmo quando a outra parte da alma apenas reconstrua vestígios do que ela recebeu dos sentidos, como nos sonhos.

Capítulo 29

Resta falar da dialética, que, seguramente, o filósofo conhece bem, pois a falsidade não pode ser objeto do conhecimento. Se ele não a conhece, ela não pertence então à sabedoria, pois, sem ela, ele não pode

ser sábio e nós procuramos inutilmente saber se ela é verdadeira e se ela pode ser conhecida.

Talvez aqui alguém vá dizer:

__ Imbecil que você é, você tem o costume de mostrar o que você sabe. Você não pôde saber nada da dialética?

__ Eu sei dela muito mais do que das outras partes da filosofia. Primeiramente ela me ensinou que todas as proposições que eu mencionei acima são verdadeiras. Depois, foi através dela que eu conheci muitas outras coisas verdadeiras.

__ Você pode enumerá-las?

__ Se há no mundo somente quatro elementos, não há cinco. Se há somente um sol, não há dois. Uma alma não pode morrer e ser imortal. O ser humano não pode ser, ao mesmo tempo, feliz e infeliz. Quando o sol brilha aqui, não é noite. Ou dormimos neste momento, ou estamos acordados. Ou o que se acredita ver é um corpo ou não é.

Foi através da dialética que eu soube da verdade destas proposições e de uma infinidade de outras, que seria muito longo descrever aqui.

Foi através dela que eu soube que elas são verdadeiras propriamente, de qualquer maneira que se comportem nossos sentidos.

Ela também me ensinou que se for admitida uma proposição nos raciocínios que citei, as outras a seguem necessariamente. Que aquelas que eu mencionei sob a forma de oposição ou de dilema são de uma natureza tal que, quando se nega um ou vários membros, aquele que fica está provado pela própria negação dos outros.

Ela me mostrou também que, quando se está de acordo sobre a coisa da qual se fala, não se deve discutir sobre palavras. Que se alguém o faz por ignorância, é preciso instruí-lo. Se for por malícia, é preciso deixar para lá. Se for por incapacidade, é preciso aconselhá-lo a se dedicar a alguma outra coisa, invés de perder tempo com uma tarefa inútil. E se ele não obedece, não se deve mais se ocupar com ele.

Com relação aos raciocínios capciosos ou enganadores, o preceito é curto. Se eles acontecem por causa de um raciocínio mal feito, é preciso refazer tudo o que já foi concordado. Se o verdadeiro e o falso estão misturados em uma mesma consequência, é preciso reter o que for compreendido e descartar o que não pode ser explicado. Se há certas coisas cuja razão e causa o ser humano não pode absolutamente conhecer, não se deve querer adquirir o conhecimento delas.

São estas as coisas que eu aprendi com a dialética e muitas outras mais, que não é necessário detalhar aqui, pois não devo ser ingrato.

Assim, ou o sábio a negligencia ou muito certamente, se a dialética é o próprio conhecimento da verdade, ele a conhece o suficiente para

desprezar e deixar impiedosamente expirar no silêncio este adágio mentiroso: *Se é verdadeiro, é falso; se é falso, é verdadeiro*.

Creio que isto é o suficiente sobre o conhecimento. Quando eu começar a falar da concordância, toda a questão será novamente tratada.

Capítulo 30

Chegamos à parte em que Alípio ainda parece ter dúvidas.

Você disse, com relação ao fato de que os acadêmicos sustentam que o sábio não sabe nada, que a opinião deles é apoiada por numerosas e poderosas razões. Você, no entanto, abalou esta opinião, nos mostrando que o sábio conhece a sabedoria. Ora, isto é o que mais deve determinar a recusa à sua concordância. Disto resulta que não há nenhuma proposição, por mais múltiplas e hábeis que sejam as provas que a sustentam, contra a qual não se possa, com a mente, opor argumentos igualmente fortes e até mesmo mais fortes ainda.

Vejamos primeiro o que te embaraça bem sutil e prudentemente. Daí segue-se que o acadêmico, quando é vencido, é o vencedor. Ora! Queira Deus que ele seja vencido! Com todas as sutilezas da Grécia, nunca ele poderá me deixar vencido e vencedor ao mesmo tempo.

Eu declaro ainda que, se não se puder encontrar nada para combater o que eu acabo de dizer, confessarei de bom grado minha derrota,

pois não debatemos aqui para adquirir a glória, mas para encontrar a verdade.

É suficiente para o mundo superar de alguma maneira que seja essa montanha que se opõe àqueles que querem se dedicar à filosofia. Ela os mantém em, não sei quais redutos tenebrosos, ameaçando só lhes mostrar obscuridades na filosofia inteira. Ela não lhes permite esperar descobrir aí nenhum ponto luminoso.

Ora, eu não tenho mais nada a desejar, já que é provável que o sábio conhece alguma coisa. Se pode parecer verossímil que o sábio deva suspender sua aprovação, é unicamente por que é verossímil que ele não pode conhecer nada.

Afastado este ponto, no momento em que se concorda que o sábio conhece a sabedoria, não há mais razão para que o sábio não acredite pelo menos na própria sabedoria, pois é indubitavelmente mais prodigioso ver o sábio não admitir a sabedoria do que vê-lo ignorá-la.

Capítulo 31

Imaginemos, eu peço a vocês, se pudermos, por um instante apenas, um debate entre o sábio e a sabedoria. O que diz a sabedoria, se não é que ela é a sabedoria?

O sábio, pelo contrário, dirá:

__ Eu não sei nada disso.

E quem é aquele que diz à sabedoria: “Eu não acredito que você seja a sabedoria”, se não é aquele com o qual ela pôde conversar e em quem ela se digna vir habitar; ou seja, o sábio?

Então, agora me procuram para que eu debata com os acadêmicos. Vejamos outro embate.

A sabedoria e o sábio estão debatendo. O sábio não quer concordar com a sabedoria. Eu espero com vocês em toda segurança. Quem não acreditaria que a sabedoria é invencível? Busquemos, no entanto, algum argumento. Ou o acadêmico triunfará sobre a sabedoria e será vencido por mim, já que ele não será um sábio, ou ela o vencerá e então nós saberemos que o sábio deu sua concordância à sabedoria. Assim, ou o acadêmico não é um sábio ou o sábio acredita em qualquer coisa. A menos, no entanto, que aquele que teve vergonha de dizer que o sábio não conhece nada da sabedoria não se envergonhe de afirmar que o sábio concorda com a sabedoria.

Mas, se é verossímil que o conhecimento da sabedoria pertence ao sábio e se não há razão que impeça que se dê crédito ao que pode ser conhecido, eu acho que o que eu pretendia é verossímil, ou seja, que o sábio acredita na sabedoria.

Se você me perguntar onde ele vê essa sabedoria, eu te responderei que é nele mesmo. Se você acrescentar que o sábio não sabe que a

tem, você recai no absurdo de dizer que o sábio não conhece a sabedoria. Se você chegar a negar que um sábio não pode ser encontrado, não será mais com os acadêmicos, mas com você ou outro qualquer que for desta opinião, que discutiremos em outra conversa. Discutir esta questão é discutir a própria existência do sábio.

Cícero diz que é bom ter opinião, mas que ele procura também um sábio[33]. Se vocês, rapazes, ainda não conhecem isso, pelo menos já leram em **Hortêncio**: *Se então não há nada de certo e se não convém ao filósofo se ater a opiniões, o filósofo jamais acreditará em algo*[34]. Daí fica claro que, nestas discussões que tratamos, eles se ocupavam da existência do sábio.

Capítulo 32

Creio então que a sabedoria é certa para o filósofo, ou seja, que ele não se atém a uma opinião quando demonstra acreditar na sabedoria. Pois ele acredita em uma coisa, sem o conhecimento da qual, ele não seria um sábio. Os próprios acadêmicos defendem que não se pode recusar fé nas coisas que não se pode conhecer. Ora, a sabedoria é alguma coisa. Quando então o filósofo conhece a sabedoria e lhe dá fé, não se

[33] Cf. CÍCERO. *Lucullus*, 20: 66.
[34] CÍCERO. *Hortensio*, Fragmento 100 t. a.

pode dizer que ele não conhece nada e nem que ele não acredita em nada.

O que vocês querem mais? Diremos alguma coisa do erro que se evita completamente, segundo eles, quando a mente não dá fé em nada?

É errado, eles dizem, acreditar não apenas no que é falso, mas até mesmo no que é duvidoso, embora seja verdadeiro. Ora, não há nada, eles acrescentam, que não seja duvidoso. No entanto, o filósofo, como dissemos, descobre a própria sabedoria.

Capítulo 33

Mas, talvez vocês queiram que eu me afaste desta questão. Não se deve abandonar tão facilmente os lugares seguros quando lidamos com inimigos tão hábeis. No entanto, quero fazer o que desejam. Mas, que direi aqui? Que argumento posso contrapor? Sem dúvida será preciso retornar aos antigos argumentos aos quais eles sabem responder. Que farei, já que vocês me colocaram para fora de minhas trincheiras? Buscarei a ajuda de gente mais hábil, com as quais me será menos vergonhoso ser vencido, se não posso vencer?

Lançarei então, com todas as minhas forças, um dardo já usado e sem fio, mas que, apesar disso, me parece ainda bem perfurante: *Aquele que não acredita em nada, nada faz*.

Oh, homem estúpido! O que dizer então do provável e do verossímil? Eis o que vocês queriam. Ouvem o ruído dos escudos gregos? Eles sentiram a gravidade da flecha, mas vocês sabem qual foi a mão que a lançou.

O quê!? Meus amigos não têm nada de mais poderoso a me oferecer? Vejo bem que não causamos o menor ferimento. Assim, vou olhar o espetáculo que me oferece esta casa e esses campos. As grandes coisa me perturbam mais quando elas não me servem.

Capítulo 34

Em meu tempo livre, estive por muito tempo me perguntando como o provável e o verossímil podiam nos livrar do erro em nossas ações.

Primeiramente eu vi, como eu via quando vendia minhas lições, que o provável era como casa bem coberta e bem defendida. Depois de ter considerado tudo mais cuidadosamente, eu achei ter visto uma entrada por onde o erro poderia surpreender subitamente aqueles que se acreditavam em segurança.

Estou convencido de que podemos nos desviar não apenas quando seguimos por um caminho falso, mas também quando não seguimos o verdadeiro.

Suponhamos então dois viajantes que vão para o mesmo lugar. Um resolveu não acreditar em ninguém e o outro é um crédulo até em excesso. Ei-los chegando a um caminho que se bifurca. O crédulo então se dirige a um pastor que ele vê por ali ou um camponês qualquer e lhe diz: “Bom dia, meu bom homem. Diga-me, por favor, o caminho para ir a tal lugar”. E lhe respondem: “Se você for por ali, você não se afastará”. Voltando-se então para seu companheiro, diz o crédulo: “Ele tem razão. Vamos por ali”. O sujeito prudente põe-se a rir e zomba dele, por dar fé facilmente ao que lhe é dito. E, enquanto o outro prossegue sua viagem, ele para diante desses dois caminhos. Já ia começar a lhe parecer ridículo ficar sem avançar, quando ele vê um cavaleiro bem montado e bem vestido, chegando da cidade pelo outro caminho. Nosso sujeito se felicita por isso e, assim que o outro se aproxima, ele o saúda e lhe pergunta o caminho. Para se fazer bem vindo, ele lhe diz por que está parado ali e, com isso, lhe mostra que o prefere ao pastor. O acaso fez com que esse cavaleiro fosse um desses charlatães chamados de zombeteiros, cheio de malícia, que, mesmo sem nenhuma vantagem para si mesmo, se comporta de acordo com o que é. “Vá por ali, pois é de lá que eu venho”, diz o patife. Após essa indicação falsa, ele se vai.

Mas, como enganar um grande filósofo?

Ele diz:

__ Não aceito esta indicação como verdadeira, mas como verossímil e, como não vejo utilidade e nem conveniência em ficar por mais tempo parado aqui neste lugar, me ponho a caminho.

Enquanto isso, aquele que havia se enganado, ao dar sua aprovação cedo demais às palavras do pastor, já descansava no lugar para onde iam os dois viajantes. O outro, pelo contrário, que não havia se enganado ao seguir o provável, vai e vem através de não sei quais florestas e nem mesmo encontra mais ninguém que conheça o lugar que ele procura.

Para lhes falar a verdade; eu não posso deixar de rir, ao me lembrar desta comparação. Eu vejo, afinal, que, com os discursos dos acadêmicos, acontecia de, não sei como, aquele que se encontrava por acaso no bom caminho, estava no entanto errado e aquele que não parecia estar, a probabilidade conduzia por montanhas escarpadas, sem que ele encontrasse o lugar que buscava.

Mas, enfim, para condenar a crença temerária do primeiro, eu prefiro dizer que os dois estão errados, do que dizer que o último não está. Desde essa época, para melhor enfrentar tanta discussão extravagante, eu comecei a estudar as próprias ações e os costumes das pessoas. Então, me veio à mente um número muito grande de razões decisivas contra esses filósofos. Já que, muito longe de rir, me indignava e me afligi-

a, ver gente tão douta, tão penetrante, envolvida em tão culposos e malfazejos absurdos.

Capítulo 35

Se pode ser verdadeiro que ninguém que se engana peca, certamente é verdadeiro que todo aquele que peca está no erro ou em um estado ainda pior.

Se um rapaz ouvisse esses filósofos dizerem: "É vergonhoso se enganar. Por causa disso, não se deve acreditar em nada". Quando alguém faz o que lhe parece provável, ele não peca e ele não se engana. Que ele se lembre apenas que sua mente e seus sentidos não lhe oferecem nada que deva ser visto como verdadeiro. Se, continuo, um rapaz ouvisse esses filósofos falarem assim, não poderia pensar que pode atentar contra o pudor da mulher alheia?

Eu pergunto a você, Túlio. Tratamos aqui da vida e dos costumes da juventude que você tanto se preocupou em educar e formar em todos os seus escritos[35]. O que você poderá responder, se não é que não te parece provável que esse rapaz possa ter essa conduta? Mas para ele, isso parece provável.

---

[35] Cf. CÍCERO. *De Divinatione*. 2, 2, 4.

Ora, se devemos nos conduzir segundo a probabilidade do outro, você não deve governar a república. Pois não pareceu a Epicuro que se devesse governá-la. Desta forma, esse rapaz cometerá o crime e se ele for preso, onde estará você para defendê-lo? E se ele te encontrar, o que você dirá? Sem dúvida que você negará o fato. Mas ele é tão claro que não se pode negá-lo. Aparentemente você sustentará __ como outrora na escola de Cuma ou de Nápoles __ que ele não pecou e nem mesmo errou. Pois ele não estava convencido de que era verdade que ele não devia cometer adultério. Apareceu para ele uma chance e ele consentiu em cometer o crime. Melhor; ele não cometeu o crime, ele pareceu somente cometê-lo. E no momento em que talvez ele desonra essa mulher, sem estar seguro disso, o imbecil do marido cria o maior tumulto e o processa, para defender o pudor de sua esposa.

Se os juízes compreenderem bem a situação, desconsiderarão os acadêmicos e punirão o crime como muito real. Ou, se eles seguirem esses filósofos, só o condenarão provável e verossimilmente. De sorte que o advogado não saberá o que fazer para defender seu cliente, pois não terá críticas a fazer a ninguém, já que todos dizem que os juízes não falharam, só fazendo o que lhes pareceu provável, sem acreditar em ninguém. Ele abandonará então o papel de advogado e assumirá o de filósofo, para consolar esse rapaz, pois ele fez tantos progressos na academia, que não lhe será difícil convencê-lo de que ele só foi condenado em sonhos.

Você acha que eu estou brincando? Certamente eu poderia jurar por tudo o que há de mais sagrado[36], que não sei, de forma alguma, como esse homem pecou, já que, quem fez o que lhe pareceu provável não peca. A menos que eles digam que há uma diferença absoluta entre pecar e se enganar e que em seus preceitos eles quiseram simplesmente nos impedir de nos enganar, sem considerar o pecado como uma coisa muito importante.

Capítulo 36

Eu não falo dos homicídios, dos parricídios, dos sacrilégios, nem de todos os crimes e de todas as injustiças que se pode imaginar ou cometer e que juízes muito sábios tiveram o cuidado de justificar com estas poucas palavras: "Eu não acredito em nada, logo, não errei". Ou então: "Como eu não faria o que me pareceu provável?" Aqueles que não acreditam que se possa, com a probabilidade, induzir a tais crimes, podem ler o discurso onde Catilina[37] soube persuadir ao assassinato de sua pátria e que reúne todos os casos.

Quem agora não ri desta doutrina? Eles próprios dizem que, em sujas ações, eles só seguem o que lhes parece provável e procurando,

---

[36] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. I, seção 4. *Desagrada-me ter escrito: "Certamente eu poderia jurar por tudo o que há de mais sagrado"*.
[37] Cf. SALÚSTIO. *A Conspiração de Catilina*. Cap. 12.

portanto, com muito cuidado, a verdade, embora lhes pareça provável que não se possa encontrá-la. Oh, estranho fenômeno!

Mas, deixemos essas considerações que não têm nada em comum conosco, que não entram nos acontecimentos de nossas vidas e não colocam nossa sorte em perigo.

O que é capital, o que é de se temer e que deve amedrontar toda pessoa de bem, é que, se a probabilidade existe, quando pareceu provável a quem quer que seja, que se pode cometer um crime que se apresente, contanto que não se acredite em nenhum deles, considerando-o como verdadeiro, essa pessoa o cometerá, sem que se possa acusá-la, não apenas de crime, mas até mesmo de erro.

Então!? Eles não previram tudo isso? Pelo contrário, eles o previram muito hábil e sagazmente. Sem pretender imitar Cícero, um pouco que seja, em habilidade, em atividade, em genialidade e em ciência, no entanto, quando ele sustenta que o ser humano não pode conhecer nada, dizemos somente: “Eu sei que isso me parece provável”. Ele não teria nada a dizer para refutar este argumento.

Capítulo 37

O que eles queriam, esses homens tão grandiosos, com suas discussões perpétuas e teimosas, sustentando que ninguém podia chegar ao conhecimento da verdade?

Escutemos agora, com mais atenção ainda, não o que eu sei, mas o que eu penso. Reservei isto para o final, a fim de explicar melhor, se for possível, o que eu acredito ser todo o sistema dos acadêmicos.

Platão, o homem mais sábio e erudito de seu tempo, que falava de uma maneira tal que tudo o que ele dizia se tornava grande e que expressava tais ideias de uma maneira tal, que de qualquer maneira que as dissesse, nada se apequenava em sua boca. Platão, dizem, aprendeu muitas coisas dos pitagóricos, após a morte de seu mestre Sócrates, que ele amara ternamente.

Pitágoras, não contente com a filosofia da Grécia __ que então não era quase nada ou, pelo menos, estava muito escondida __ ficou estimulado, pelas discussões de um certo Ferécidas da Síria, a acreditar que a alma é imortal. Ele tinha também ouvido muitos outros filósofos, em suas viagens longínquas e acrescentou, à graça e à elegância que mostrou Sócrates em sua moral, a ciência das coisas divinas e naturais, que ele tinha aprendido com esses sábios que mencionei. Acrescentando também __ como que para dar forma a esses conhecimentos diversos ou para avaliá-los __ a dialética, que era, propriamente, a sabedoria, ou sem a qual a sabedoria não poderia existir, ele compôs um ensinamento de filosofia que foi considerado perfeito e que não temos tempo para tratar agora. Basta dizer, para nosso propósito, que Platão acreditava na existência de dois mundos; um, inteligível, onde morava a verdade e o

outro, sensível, que sentimos, evidentemente, pela visão e o tato. O primeiro era o mundo verdadeiro e este, o mundo verossímil e feito à imagem do outro. Por isso, o primeiro era o princípio da claridade e da pureza com que brilha a verdade em uma alma que se conhece e o outro era a causa, não de conhecimentos, mas de opiniões que podem surgir na mente dos insensatos. Portanto, tudo o que se fazia neste mundo __ com virtudes que ele chamava de civis e que eram semelhantes a outras virtudes verdadeiras e conhecidas somente por um pequeno número de sábios __ só podia ser chamado de verossímil.

Capítulo 38

Essas máximas e outras semelhantes, parecem que foram conservadas, na medida em que eles eram capazes, pelos sucessores de Platão e até mesmo escondidas como mistérios. Elas só são facilmente compreendidas por aqueles que, se purificando de toda sujeira, se elevaram a um gênero de vida mais que humano. Estes pecam gravemente quando, conhecendo esses mistérios, os ensinam a qualquer pessoa.

Eu considero que Zenão, líder dos estoicos, foi considerado suspeito, quando, depois de ter conhecido e adotado algumas outras doutrinas, entrou para a escola deixada por Platão e dirigida então por Polémon. Não lhes pareceu que devessem revelar e confiar facilmente a ele

esses dogmas __ de alguma forma, sagrados __ de Platão, antes que ele renunciasse a essas outras ideias que ele trazia para a escola.

Polémon morreu e teve como sucessor Arcesilau, que tinha sido, sob Polémon, codiscípulo de Zenão.

Zenão estava ligado à sua opinião sobre o mundo e, especialmente, sobre a alma; tema para o qual, a verdadeira filosofia tinha despertado. Ele dizia que ela era mortal, que nada existe fora deste mundo sensível e que não há nada além do corpóreo. Ele acreditava mesmo que Deus não passava de fogo.

Foi então, com muita prudência e razão, sob meu ponto de vista, que Arcesilau, tendo percebido que esses erros se espalhavam por toda parte indistintamente, escondeu totalmente a opinião dos acadêmicos e a enterrou, como que a um tesouro que a posteridade algum dia encontraria.

Por isso, como a multidão está sempre pronta para adotar falsas ideias e como ela acredita fácil e infelizmente, pelo hábito de só enxergar com o corpo, que tudo é corpóreo, esse homem, muito arguto e muito humano, preferiu limpar do erro as pessoas influenciadas pela má doutrina, do que ensinar aquelas que não lhe pareciam dispostas a receber a sua doutrina.

Daí vieram as extravagâncias que se atribuem à Nova Academia e que os antigos acadêmicos não sentiram necessidade de discutir.

Capítulo 39

Se Zenão tivesse despertado, se ele tivesse refletido que nada poderia ser conhecido que não estivesse conforme com sua definição e que nada de semelhante podia ser encontrado nos corpos aos quais ele atribuía tudo, esse tipo de discussão, que acendeu uma grande necessidade, teria sido há muito tempo extinta.

Mas Zenão, seduzido pela ilusão de uma estabilidade imaginária __ como acreditavam os acadêmicos e como eu também um pouco __ permaneceu obstinado. De sorte que essa opinião que ele tinha sobre os corpos se conservou, não sei como, até os tempos de Crísipo, que lhe deu um forte impulso, pois foi capaz de espalhá-la por toda parte.

Felizmente, Carnéades, mais arguto e mais atento do que seus predecessores, se opôs energicamente a essa doutrina e eu me espanto que ela ainda tenha conservado algum prestígio. Ele primeiramente a abandonou como sendo um erro que lhe parecia desonrar a memória de Arcesilau e, para não parecer querer ostensivamente se erguer contra todos, ele se dedicou especialmente à tarefa de combater e de arruinar os estoicos e Crísipo.

Capítulo 40

Por todos os lados se pressionava Carnéades. Argumentava-se que, se não se devia acreditar em nada, o filósofo não tinha nada a fazer.

E Carnéades, homem admirável __ mas não tão admirável assim, já que fez sua doutrina beber nas fontes de Platão __ examinou sagazmente quais eram as ações que os filósofos aprovavam e vendo que elas pareciam não sei com quais ações verdadeiras, chamou de verossímil tudo o que se acreditava dever ser feito neste mundo[38].

Ele sabia perfeitamente ao que isso se parecia e o escondeu prudentemente. Isso também foi o que ele chamou de provável, pois pode-se muito bem aprovar o mérito de uma cópia quando se conhece o original.

Mas, como o filósofo pode aprovar e seguir o verossímil, se ele não conhece o verdadeiro? Logo, esses filósofos conheciam e aprovavam coisas falsas, quando eles viam o que lhes parecia uma imitação fiel e bela das coisas verdadeiras.

Como não era nem permitido e nem fácil revelar esses mistérios aos que consideravam profanos, eles os deixaram à posteridade e a aqueles que puderam então entender um pouco suas ideias, proibindo, seja através do desprezo, seja através da zombaria, que esses verdadeiros dialéticos criassem qualquer disputa de palavras.

Eis o motivo de Carnéades ser chamado de líder e pai da terceira academia.

---

[38] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. I, seção 4.

Capítulo 41

Esse debate se arrastou então até nosso Cícero, já muito debilitado, para crescer novamente, com um último suspiro, na literatura latina. Não conheço nada mais inútil do que escrever tanto e tão espalhafatosamente sobre coisas que não se acredita. Foi essa inutilidade, no entanto, que levou vantagem, eu creio e dispersou como palha o platônico Antíoco, pois as tropas epicuristas estabeleceram seus apriscos ao sol, entre os povos amigos do prazer.

Antíoco então __ discípulo de Fílon, personagem muito prudente, na medida em que posso avaliar __ já tinha começado, por assim dizer, a abrir as portas, quando os inimigos se retiravam e a reconduzir a academia aos preceitos e à autoridade de Platão.

É verdade que Metrodoro já tinha antes tentado fazê-lo, afirmando primeiramente que os acadêmicos não acreditavam sinceramente que não se podia conhecer nada, mas que eles foram obrigados a recorrer a essas armas contra os estoicos.

Antíoco, como eu já tinha começado a dizer, após ter sido discípulo de Fílon, o acadêmico e de Mnesarco, o estoico, tinha entrado para a antiga academia, desprovido de qualquer tipo de defensores e se considerando em segurança, pela ausência de qualquer inimigo. Ele tinha entrado para ela como um de seus protetores e de seus membros, mas

tirando das cinzas dos estoicos eu não sei que de maldade que violava os segredos advindos de Platão.

Fílon, recorrendo novamente às mesmas armas, resistiu a ele até a morte e nosso Cícero esmagou os restos dessa doutrina, não podendo suportar que durante sua vida tudo o que ele amava fosse destruído ou manchado.

Desde essa época então e muito tempo depois, cessada toda obstinação e todas as nuvens do erro tendo sido dissipadas, vieram à tona os admiráveis princípios de Platão, que são o que há de mais puro e mais luminoso na filosofia. Foi sobretudo em Plotino, seu discípulo, que se pôde admirá-los. Nele tudo é tão semelhante ao seu mestre, que se poderia acreditar que viveram juntos, se a grande distância no tempo entre eles não nos fizesse dizer que era mais como se Platão revivesse nele.

Capítulo 42

É por isso que hoje quase não vemos mais outros filósofos além dos cínicos, os peripatéticos e os platônicos. Há cínicos por que uma certa liberdade e licença de vida os agradam.

No que diz respeito à instrução, a ciência e os costumes que servem para dirigir a alma, houve homens hábeis e penetrantes que, em seus discursos, ensinaram que Aristóteles e Platão estavam tão de acordo que, somente por ignorância e falta de atenção se podia acreditar que

eles eram opostos. Depois de muitos séculos e muita discussão, tornou-se então claro, eu acho, que só existe uma verdadeira escola de filosofia.

Essa filosofia não é aquela deste mundo, que nossas santas crenças detestam com razão, mas a do mundo inteligível e toda sutileza da razão não conseguiria conduzir a esse mundo inteligível nossas mentes cegas por todo tipo de trevas e erros e profundamente manchadas pelo contato com os corpos, se Deus soberano, cheio de misericórdia para com seu povo, não tivesse feito descer e não tivesse rebaixado a autoridade da divina inteligência até um corpo humano, para que as almas, estimuladas não somente por seus preceitos, mas também por seus exemplos, pudessem, sem recorrer às discussões, voltar-se para elas mesmas e ver sua pátria.

Capítulo 43

Estas são, portanto, minhas opiniões no tocante aos acadêmicos. Se isto não for verdadeiro, pouco importa, pois me basta não acreditar que é impossível ao ser humano encontrar a verdade. Aquele que pensa que os acadêmicos julgavam isso impossível pode consultar o próprio Cícero. Ele mesmo diz que eles tinham o costume de esconder suas ideias e só revelá-las àqueles que tinham permanecido um tempo em

suas escolas[39]. Quais eram essas ideias? Só Deus sabe. No entanto, eu acredito que eram aquelas de Platão.

Mas, eis então, em lugar de palavras, todo meu pensamento.

De qualquer maneira que se possua a sabedoria humana, eu vejo que ainda não a conheço. No entanto, só tendo trinta e três anos, não devo me desesperar para adquiri-la. Eu resolvi me aplicar em buscá-la, geralmente desprezando tudo o que os seres humanos consideram aqui embaixo como bens.

No entanto, as razões dos acadêmicos me assustaram muito nessa tarefa. Mas estou, acredito, bem armado contra elas nessa discussão. Todo mundo sabe que há dois meios de conhecer: a autoridade e a razão. Eu estou resoluto em não me afastar em nada da autoridade de Cristo, pois não encontro nada mais poderoso do que ela. Quanto ao que é preciso examinar com a penetração da razão __ pois meu caráter me faz ardentemente desejar não somente acreditar na verdade, mas também compreendê-la __ espero poder encontrar nos platônicos uma doutrina que não seja oposta aos nossos santos mistérios.

---

[39] Cf. CÍCERO. *In Verrem*. Fragmento 35 t. A.

Capítulo 44

Percebendo aqui que eu havia terminado meu discurso, os rapazes __ embora fosse noite e não se tinha escrito nada, desde que nos tinham trazido a luz __ esperavam vivamente para saber se Alípio se comprometeria em responder, pelo menos num outro dia.

Este então diz:

__ Afirmo que nunca nada me fez tanto sair vencido quanto a discussão de hoje. Não creio que esta alegria deva ser só minha. Eu a compartilharei então com vocês, meus antagonistas ou mesmo nossos juízes. Os próprios acadêmicos talvez desejassem ser vencidos desta maneira por aqueles que deveriam segui-los.

Afinal, o que nós poderíamos encontrar e o que poderia nos ser oferecido de mais agradável para o encanto do discurso, de mais justo na gravidade de nossos pensamentos, de mais prontamente concedido pela benevolência e de mais pleno de ciência?

Eu não posso admirar mais dignamente como questões tão espinhosas foram tratadas de forma tão agradável. Com que força triunfaram sobre o desespero. Com que moderação as convicções foram expressas. Com que clareza foram tocadas coisas tão obscuras.

Assim, meus amigos, desistam de esperar. Não me peçam mais respostas. Nutram comigo uma esperança mais firme para nos instruir-

mos. Temos um guia para nos conduzir, sob a direção de Deus, ao santuário da verdade.

Capítulo 45

Como seus rostos demonstravam um certo descontentamento pueril por Alípio não querer me responder, eu lhes disse, sorrindo:

__ Vocês estão com ciúmes da minha vitória? Seguro da fidelidade de Alípio, eu não temo mais. Mas, para lhes dar motivos de congratular-me, eu vou armá-los contra aquele que enganou tão cruelmente suas esperanças. Leiam os acadêmicos e quando vocês tiverem encontrado ali Cícero vencedor dessas bagatelas[40] (o que há de mais fácil?), obriguem Alípio a defender meu discurso contra os argumentos invencíveis deste filósofo. Esta é a recompensa desagradável que te ofereço, Alípio, em troca dos louvores muito pouco sinceros que você me concedeu.

Isso os fez rir e pusemos fim a este longo debate. Se solidamente, eu não sei, mas mais rápida e prontamente do que eu esperava.

[40] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. I, seção 4.

Créditos

Contra academicos

© 386 Aurelius Augustinus Hipponensis
© 2018 Teodoro Editor – Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Tradução de: Souza Campos, E. L. de

Traduzido de *Contre les Académiciens*. Traduzido do latim por Adrien de Riancey In *Œuvres Complètes de Saint Augustin*. Traduites pour la première fois en français, sous la direction de M. Raulx, Bar-Le-Duc, L. Guérins & Cie éditeurs, 1864.

Cotejado com *Contra los Académicos.* Tradutor: Victorino Capánaga, OAR.
E *Sant'Agostino – La Controversia Accademica*

Conteúdo

Contra os Acadêmicos 2
Introdução 2
1 2
2 3
3 6
4 7
Livro I 10
Capítulo 01 10
Capítulo 02 12
Capítulo 03 13
Capítulo 04 14
PRIMEIRO DEBATE 16
Capítulo 05 16
Capítulo 06 18
Capítulo 07 20
Capítulo 08 22
Capítulo 09 24
Capítulo 10 26
SEGUNDO DEBATE 28
Capítulo 11 28
Capítulo 12 30
Capítulo 13 31
Capítulo 14 33
Capítulo 15 34
TERCEIRO DEBATE 35
Capítulo 16 35
Capítulo 17 36
Capítulo 18 37
Capítulo 19 38
Capítulo 20 40
Capítulo 21 41
Capítulo 22 42
Capítulo 23 43
Capítulo 24 45
Capítulo 25 47
Livro II 49
Capítulo 01 49
Capítulo 02 51
Capítulo 03 52

Capítulo 04 53
Capítulo 05 54
Capítulo 06 55
Capítulo 07 56
Capítulo 08 58
Capítulo 09 59
PRIMEIRO DEBATE 60
Capítulo 10 60
Capítulo 11 63
Capítulo 12 64
Capítulo 13 65
SEGUNDO DEBATE 66
Capítulo 14 66
Capítulo 15 68
Capítulo 16 68
Capítulo 17 70
Capítulo 18 72
Capítulo 19 73
Capítulo 20 75
Capítulo 21 77
Capítulo 22 78
Capítulo 23 80
Capítulo 24 81
TERCEIRO DEBATE 82
Capítulo 25 82
Capítulo 26 84
Capítulo 27 85
Capítulo 28 86
Capítulo 29 87
Capítulo 30 89
Livro III 91
PRIMEIRO DEBATE 91
Capítulo 01 91
Capítulo 02 92
Capítulo 03 93
Capítulo 04 95
Capítulo 05 96
Capítulo 06 99
SEGUNDO DEBATE 101
Capítulo 07 101
Capítulo 08 102

Capítulo 09 104
Capítulo 10 106
Capítulo 11 107
Capítulo 12 109
Capítulo 13 110
Capítulo 14 111
Capítulo 15 112
Capítulo 16 113
Capítulo 17 115
Capítulo 18 117
Capítulo 19 118
Capítulo 20 119
Capítulo 21 120
Capítulo 22 122
Capítulo 23 124
Capítulo 24 126
Capítulo 25 127
Capítulo 26 129
Capítulo 27 131
Capítulo 28 133
Capítulo 29 133
Capítulo 30 136
Capítulo 31 137
Capítulo 32 139
Capítulo 33 140
Capítulo 34 141
Capítulo 35 144
Capítulo 36 146
Capítulo 37 147
Capítulo 38 149
Capítulo 39 151
Capítulo 40 151
Capítulo 41 153
Capítulo 42 154
Capítulo 43 155
Capítulo 44 157
Capítulo 45 158
Créditos 159
Conteúdo 160